

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

JONAS BASSFELD MACENO SILVA

Um lugar do Funk: o Baile do DZ7 em Paraisópolis, São Paulo

SÃO PAULO

2018

JONAS BASSFELD MACENO SILVA

Um lugar do Funk: o Baile do DZ7 em Paraisópolis, São Paulo

Trabalho de Graduação Individual (TGI)
apresentado ao Departamento de Geografia da
Universidade de São Paulo, como parte dos
requisitos para obtenção de título de Bacharel em
Geografia.

Área de Concentração:
Geografia Humana

Orientador:
Rodrigo Ramos Hospodar Felipe Valverde

SÃO PAULO

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S586l Silva, Jonas Bassfeld Maceno
Um lugar do Funk: o Baile do DZ7 em Paraisópolis,
São Paulo / Jonas Bassfeld Maceno Silva ; orientador
Rodrigo Ramos Hospodar Felipe Valverde. - São
Paulo, 2018.
78 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual)- Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo. Departamento de
Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.

1. Música. 2. Funk. 3. Paraisópolis. 4. Lugar. I.
Valverde, Rodrigo Ramos Hospodar Felipe, orient.
II. Título.

*Aqui na DZ7 o baile funk é o mundo
Aqui tem playboy misturado com vagabundo*

MC 2K – Baile da DZ7 Paraisópolis

RESUMO

SILVA, Jonas Bassfeld Maceno. **Um lugar do Funk: O Baile do DZ7 em Paraisópolis, São Paulo**. 2018. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018

Este trabalho propõe o estudo do Baile do DZ7, baile funk que ocorre em Paraisópolis em São Paulo, a partir do viés geográfico, entendendo esta atividade como significativa na configuração de um lugar. Para tal, vemos inicialmente como esse assunto insere-se na disciplina pelo debate cultural, observando as principais abordagens empregadas. Na sequência, o enfoque se dá especificamente sobre o tema música e como ele é trabalhado pelos geógrafos, destacando autores que apresentam as ideias norteadoras desta pesquisa. O gênero Funk também é estudado, exibindo a relação que mantém com os espaços em que é produzido. Em um segundo momento são levantadas informações sobre a comunidade de Paraisópolis, em relação ao seu aspecto físico e inserindo-a no processo de urbanização de São Paulo. O estudo de caso apresenta o principal corpo do texto, apresentando dados que ajudem na compreensão deste lugar, como questionários, relatos de campo, entrevistas e documentários, bem como informações das plataformas digitais e uma breve análise das letras que evocam o baile. Conclui-se sobre a magnitude do baile e a influência que exerce sobre milhares de pessoas.

Sumário

Introdução	4
Capítulo 1 – A música enquanto objeto de análise da Geografia	7
1.1 Considerações iniciais sobre cultura, espaço e lugar	7
1.2 Histórico dos estudos geográficos sobre música	12
1.3 A geografia do funk: agentes sociais e contextos espaciais	15
Capítulo 2 – A comunidade de Paraisópolis no contexto urbano de São Paulo	20
2.1 Espaço físico	20
2.2 Fatores de localização e histórico	23
Capítulo 3 – Estudo de caso: o Baile do DZ7	26
3.1 Localização	26
3.2 Questionários	28
3.3 Relatos de campo	47
3.4 Espaço virtual	60
3.5 Músicas	63
Capítulo 4 – Considerações Finais	71
Referências Bibliográficas	74

Introdução

A realização deste trabalho possui origem na relação pessoal que desenvolvi ao longo de minha vida com o objeto de análise em questão, a música. Antes mesmo de iniciar os estudos em Geografia na Universidade de São Paulo, e posteriormente durante meu percurso acadêmico, a música sempre foi uma atividade que constantemente ocupou minha mente e corpo, refletindo nas minhas ações no mundo e na minha experiência com o espaço. Dada a importância extrema que a música possui em minha vida, duas constatações principais foram fundamentais para a produção deste trabalho: a primeira é de que a música não só é importante para mim mas para a sociedade no geral; exemplos do dia a dia e nos mais variados lugares do mundo demonstram como essa atividade humana desempenha um papel crucial no estabelecimento de vínculos sociais, na mediação da vida humana com o meio material. A segunda constatação é a de que a Geografia tem algo de relevante e significativo a acrescentar nos estudos sobre música, a despeito da raridade dos trabalhos científicos dessa área do conhecimento sobre o tema. Somando-se os dois fatores, acabei por incumbir-me de uma suposta missão, a de concluir o curso produzindo um conhecimento geográfico sobre música, num departamento onde abordagens culturais são praticamente inexistentes durante a graduação.

Esta postura pessoal é o “ponto zero” do qual parto para a postura estritamente científica deste trabalho, que tem como objetivo reforçar que não há separação entre o objeto de estudo e o pesquisador, e sim que ambos estão intimamente ligados na produção do saber científico. É esta singularidade proveniente de minha vivência com o objeto de estudo justamente o fator que deve agregar originalidade e contribuir para o desenvolvimento da Geografia enquanto ciência, ainda que de maneira humilde, nos limites de um trabalho de graduação individual. Dito isto, irei brevemente discorrer sobre meus posicionamentos pessoais, tanto na escolha do estudo de caso quanto na abordagem teórico-metodológica.

A cidade de São Paulo pode ser entendida alegoricamente como um grande caldeirão cultural brasileiro, apresentando uma infinidade de práticas e atividades distintas em seu espaço urbano, compondo a diversidade dos eventos realizados na cidade. Partindo do pressuposto que essas manifestações refletem seus contextos espaciais e sociais, São Paulo é como um laboratório para se estudar Geografia a partir do viés cultural. A escolha do Baile do DZ7 como estudo de caso é decorrente das reflexões sobre música descritas anteriormente. O funk nunca esteve entre meus gêneros musicais preferidos e os bailes funk nunca estiveram entre os lugares que frequento para divertir-me na cidade. Este estranhamento foi o motor que

me levou a debruçar-me sobre este tema: ainda que eu seja um grande entusiasta da música e dos eventos de rua, por que não frequento tais lugares? Porque não aprecio o funk? Ou não aprecio o funk porque não frequento tais lugares? Ao mesmo tempo, sabe-se que o gênero é popular em baladas, festas, entre a classe universitária e jovens de alta renda, nos fones de ouvido dos usuários de transporte público. Suspeitava que houvesse aí uma relação intrínseca entre espaço, música e identidade que elucidaria uma boa parte desta questão. O importante é notar que apesar do estranhamento, a música é o elemento que me faz enxergar o caráter humano que há em mim e no outro, apesar das diferentes formas de experiência do mundo. Um resultado colateral da pesquisa, um tanto quanto previsível, foi a familiaridade com o gênero funk adquirida ao longo do processo, acabando por enfim fruir de seu ritmo, suas batidas e graves, ainda que suas letras em um nível menor. Ressalte-se que tal posicionamento não implica numa visão exótica do funk, ou num estudo pretensioso de uma suposta “tribo urbana”, uma “incursão exploratória” na cultura periférica; pelo contrário, busco aqui reconhecer o que há de comum entre os habitantes da sociedade urbana, relevando a geografia como fator determinante na diversidade das visões de mundo e ações no espaço. Devo mencionar, a respeito deste tópico, a importância do trabalho voluntário junto ao cursinho popular da Rede Emancipa e a colaboração dos alunos, não só para a obtenção de relatos dos jovens da comunidade de Paraisópolis e de outras localidades da Zona Sul, por sua relevância dos dados deste trabalho, mas como uma oportunidade de crescimento pessoal e também profissional enquanto geógrafo e professor.

Do ponto de vista teórico-metodológico, este trabalho apresenta o esforço de debater o Baile do DZ7 a partir da questão do sujeito, sem renegar, no entanto, seu arranjo locacional, ou seja, sua estrutura material. Portanto, poder-se-á observar neste estudo o diálogo entre diferentes vertentes da Geografia, notadamente da dita Geografia Cultural, sem que haja, porém, a necessidade de atrelá-lo a um procedimento metodológico específico, senão a própria busca da unidade dos diferentes discursos emanantes da Geografia.

A categoria *espaço* representará aqui esta unidade, o termo transversal encontrado nos diferentes conceitos emanantes do escopo teórico desta ciência, incluindo o *lugar*, que deverá dar conta, em boa parte, das relações intersubjetivas permeadas por relações materiais das quais a música é emanante, enquanto ação humana heterogênea e interativa. Este modelo é reflexo de uma escolha pessoal frente a Geografia, ao entender que nenhum sistema teórico é suficiente para a explicação total da realidade geográfica, mas que cada percurso do pensamento inevitavelmente contribui em parte, cada um a sua maneira, na apreensão do real. De maneira semelhante, estendo esse pensamento para a ciência geográfica em si, ao indicar

explicitamente possíveis abordagens interdisciplinares neste trabalho, como a análise do discurso, além de aproximar-me ao longo da pesquisa com as áreas da Antropologia, Sociologia e História. Com isto, busco demonstrar que não há objeto de estudo exclusivo da Geografia, nem mesmo a dimensão espacial da realidade. As aproximações com outras áreas do conhecimento podem se mostrar positivamente frutíferas, se identificado nelas a lógica ou o pensamento geográfico empregado. Por esta visão, o trabalho pode ser encarado também como um estudo do meio, no sentido de encarar a realidade em sua totalidade, procurando a não-fragmentação do conhecimento, através da interdisciplinaridade, relevando os fatores geográficos na determinação dos sujeitos e seus espaços de vivência.

Capítulo 1

A música enquanto objeto de análise da Geografia

É importante situar o contexto acadêmico em que este presente trabalho se insere. Este capítulo, dividido em três partes, busca nos dois primeiros momentos apresentar as concepções sobre cultura, espaço e lugar na Geografia que inspiram este trabalho, e um panorama dos trabalhos nacionais e internacionais sobre música no seio da ciência geográfica. O principal objetivo, no entanto, não é listar mecanicamente os estudos já produzidos e sim salientar as principais abordagens existentes e destacar aquelas com as quais este trabalho dialoga mais diretamente. Em seguida, investigaremos propriamente o gênero funk enquanto objeto de estudo. Registros audiovisuais, reportagens, documentários e entrevistas sobre a cena Funk servirão como apoio e inspiração para compreender os fatores geográficos desta problemática. Buscaremos aqui fazer uma breve recapitulação histórica do gênero Funk, sempre relevando seus contextos espaciais. Trata-se portanto de observar a geografia do gênero, desde sua origem, notando principalmente as transformações de sua sonoridade e textualidade em diversas vertentes e sua estrita conexão com os espaços em que ele se instrumentaliza. Daremos atenção às falas dos agentes sociais da música, produtores, divulgadores e consumidores do Funk; em outras palavras, os músicos de um lado e ouvintes do outro, buscando sempre observar a relação que empreendem com o espaço vivido, enquanto sujeitos desta mediação social estabelecida através da música.

1.1 Considerações iniciais sobre cultura, espaço e lugar

Os estudos sobre música na Geografia geralmente encontram-se sob o desígnio da Geografia Cultural. Sobre esta denominação, cabe aqui debater seus significados no seio da ciência geográfica e sua relação com este trabalho. De acordo com Gomes (2009) ela representaria uma corrente dentro da Geografia Humana onde o elemento cultural na formação e compreensão dos problemas geográficos teria uma importância central. Nesta concepção, não há rigidez quanto às delimitações temáticas ou mesmo metodológicas, dando abertura no campo de trabalho para tudo aquilo que não figuraria em uma Geografia Humana tradicional. Ainda segundo o autor, a Geografia Cultural pode ser entendida como um marco “revolucionário”, visando a substituição da própria Geografia Humana, expressa nos termos

“giro cultural” e “Nova Geografia Cultural” ao final do século XX, incluindo temas que antes eram vistos como estranhos ou marginais à disciplina.

Dessa maneira podemos incluir este trabalho nessa categoria, observando o ineditismo do Baile Funk enquanto objeto de um estudo geográfico. No entanto, devemos atentar para a crítica exposta pelo mesmo autor de que novos temas exigem inovações teóricas e metodológicas. Além disso, é importante ter em vista a pertinência desses temas para a Geografia, isto é, sua geograficidade. Para isso, delimitar aquilo que se denomina “cultura” deve ser indispensável. A ideia de cultura sugere uma dialética entre o natural e o artificial, “aquilo que fazemos ao mundo e aquilo que o mundo nos faz” (EAGLETON, 2000, p. 13), pressupondo um incessante trabalho material e intelectual com a natureza, com aquilo que nos rodeia e nos dá a base da vida. Segundo Gomes, falar sobre os fenômenos culturais significa ter como foco “[...] a centralidade dos aspectos que relevam dos valores e significados veiculados em uma dada sociedade para determinadas situações no tempo e no espaço.” (p. 73). Aqui é evidente, portanto, a pertinência geográfica do baile funk: ele representa uma forma de agir no mundo, atividade essa que se desenvolve materialmente, em uma determinada localidade com sua própria configuração física, e intelectualmente (ou subjetivamente), através das práticas humanas, o fluxo e encontro de pessoas para o prazer do convívio social através da música, o divertimento e o enebriamento, práticas que revelam valores do tempo e do espaço.

Como indicado na introdução, não pretende-se, no entanto, impor uma cisão social ao rotular o baile funk como uma atividade estritamente cultural, nem romantizar os movimentos sociais ou celebrar a diversidade, prática que leva, teoricamente, a uma “guerra” étnica, à colonização ou à criação de uma “subclasse”, como levantado por Mitchel (p. 98, 1993-2008). Temos em conta que o próprio conceito está inserido em um contexto social-histórico de tentativa de ordenamento e definição do mundo, por isso, considerando o pensamento do autor, a ideia de cultura exige uma localização, e as práticas denominadas culturais podem ser encaradas simplesmente como práticas materiais através da qual a vida cotidiana prossegue, nos interessando especificamente sua dimensão espacial. Porém, o tópico de interesse deste trabalho não exclui os demais fatores que regem as práticas materiais, como a economia e a política, mas destaca a relevância das relações subjetivas, linha que segue o autor Duncan (p. 112, 1993-2008) em resposta ao texto anterior de Mitchel. Como aponta também Paul Claval (2001) em relação à contribuição dos estudos culturais a partir da década de 70, as realidades que refletem a organização social do mundo, as vidas humanas e suas atividades jamais são puramente materiais. São também o reflexo de processos cognitivos, de atividades mentais,

intercâmbio de informação e ideias, demonstrando aqui uma dimensão psicológica e sociopsicológica. Por isso, da relação do homem com o meio derivam diferentes finalidades, das quais nos interessa particularmente a construção de identidade por meio do sentido dado às coletividades e aos lugares que habitam. O autor destaca como questionamentos para além da clássica diferenciação dos lugares, o porquê de se viver os lugares de modo diferente, as diferentes perspectivas e recortes do real existentes, diferentes associações, aspirações, sentimentos, afetividades. Um ponto a ser levado em consideração é o papel do corpo e dos sentidos da experiência humana, a experiência do espaço, explorando a maneira pela qual se constituem as identidades. Por isso, embasado pelo autor, este trabalho une abordagens fenomenológicas e críticas como orientação metodológica pois em ambos assume-se que os fatos sociais diferem dos fatos naturais, sendo relevante para a compreensão do mundo a maneira como as pessoas vivem nos lugares onde residem ou visitam, deles extraindo uma experiência.

Neste ponto devemos nos ater à categoria **espaço**: Araújo (2013) fornece uma dissertação sobre a questão do espaço enquanto premissa categorial do pensamento geográfico, presente nos demais conceitos e desmembramentos epistemológicos como a paisagem, território, região e lugar. Ainda que cada uma contenha sua especificidade sobre a espacialidade enquanto essência da realidade objetiva, tanto em relação à sua contribuição teórica quanto à sua aplicabilidade metodológica, entende-se que o espaço é a categoria primeira de onde derivam estes discursos presentes no escopo teórico da Geografia e que, portanto, permite a união e o diálogo entre esses distintos discursos. Tratando o espaço como uma produção resultante da ação humana sobre a superfície terrestre, Moraes (2005) releva que tal processo passa invariavelmente pela apropriação intelectual dos lugares, ou por uma valorização subjetiva do espaço. Portanto, por trás da materialidade dos arranjos locais estão valores, representações e visões de mundo, emanantes da própria vida em sociedade, da práxis humanas. Ao introduzir a questão do sujeito na problemática do espaço, estaremos portanto entrando no universo complexo da cultura, segundo o autor, logo ressalvas históricas e antropológicas devem ser levadas em conta para compreender a consciência e movimento dos sujeitos no espaço, integrando na análise o produtor, o produzido e o contexto de produção. Partiremos portanto do pressuposto que o pensamento geográfico é

[...] um conjunto de discursos a respeito do espaço que substantivam as concepções que uma dada sociedade, num momento determinado, possui acerca de seu meio (desde o local ao planetário) e das relações com ele estabelecidas (MORAES, 2005, p. 32).

Significa portanto assumir que a condição geográfica será determinante na emergência de diferentes visões de mundo, diferentes formas de pensar e agir no meio. Os temas geográficos, segundo o autor, manifestar-se-ão em diferentes contextos discursivos, como a literatura, na imprensa, no pensamento político, etc. Por associação, tomamos a música como uma entre tais veiculações discursivas possíveis.

Assim, para o debate sobre o Baile do DZ7 enquanto **lugar**, consideraremos uma primeira noção que diz respeito a uma ligação identitária e subjetiva do indivíduo com o meio que o circunda, levantada notadamente pela Geografia Humanista de Yi-Fu-Tuan (1983), buscando apreender a perspectiva da experiência do sujeito na concepção da espacialidade do objeto de estudo desta pesquisa. Esta visão é importante pois apresenta um ponto que, segundo o autor, precede a cultura e inclina-se sobre nossa condição humana, aptidões, capacidades e necessidades. É relevante notar que “pessoas de diferentes culturas diferem na forma de dividir seu mundo, de atribuir valores às suas partes [...]” (TUAN, 1983, p. 39), sendo, no entanto, a medida humana o elo comum entre todas. “O homem, como resultado de sua experiência íntima com seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas e relações sociais”. (IDEM). Esta relação estabelece uma valorização afetiva (ou não) com o espaço vivido e das relações interpessoais ali estabelecidas, definindo e significando-o enquanto **lugar**.

A contribuição de Relph (1976) a cerca do conceito de lugar inspira também a metodologia de investigação deste trabalho sobre o Baile do DZ7. Segundo o autor, um lugar corresponde a um fenômeno, e para entendê-lo busca-se compreender sua essência e identidade através da experiência dos lugares, que se dá por meio de três componentes: a configuração física, as atividades realizadas e os significados. Por isso veremos como o baile está configurado no espaço físico, as atividades envolvidas no local e os significantes atribuídos ao baile. Segundo o autor, o lugar seria uma maneira particular de relacionar as várias experiências de espaço, uma vez que os lugares são singularizados ao atrair e concentrar intenções. O espaço obtém significado através dos lugares existenciais de nossa experiência imediata. O espaço existencial, para Relph, é

“a estrutura íntima do espaço tal qual nos aparece em nossas experiências concretas do mundo como membros de um grupo cultural. Ele é intersubjetivo e, portanto, permeia todos os membros daquele grupo, pois todos foram socializados de acordo com o conjunto de experiências, signos e símbolos.” (RELPH, 1976, p. 12)

Certamente, a experiência do próprio autor deste trabalho do lugar, o baile, é relevante para a compreensão do fenômeno e como ferramenta de pesquisa. Nas palavras de Bondía (2002), o sujeito da experiência é como um “território de passagem”, um “lugar de chegada” ou um “espaço do acontecer”, relevando até mesmo nas definições, conceitos de caráter geográfico, indicando que o sujeito estudante é mediador entre o conhecimento e a vida humana. Esta ideia pode ser traduzida para o campo da Geografia por Dupont (2014), ao apresentar a importância da “geografia do geógrafo” em suas atividades de campo, admitindo a “autoetnogeografia” como uma pista para encarar esta questão. A premissa básica é de que toda subjetividade é localizada, portanto expor estes fatores do pesquisador permitem compreender melhor sua interpretação, sua visão de mundo, fazendo a transição entre o trabalho de campo, os relatos e o texto científico.

Para contrapor e dialogar com a concepção humanista, outra, de cunho crítico será trazida ao debate deste trabalho. Pensaremos o lugar também como o espaço de base da reprodução da vida humana no plano local, passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo, como indicado por Carlos (2007). Para além desta ideia, a autora traz o lugar como ponto de articulação da mundialização em constituição com a especificidade concreta de um momento na escala local. Notadamente, a metrópole paulista é um caso emblemático onde podemos trazer a relação dialética entre mundo-lugar para o nosso estudo de caso. Ao discorrer sobre guetos urbanos como lugares da cidade, a autora afirma:

“Assim os lugares enquanto áreas definidas da metrópole podem ser analisados enquanto espaço material onde se inscrevem os atos de gerações e onde o processo de apropriação aparece como condição necessária à vida que se realiza no e através do uso. Mas o uso não é um simples ato de consumo, ele coloca acento sobre as relações entre as pessoas com o espaço no plano do imediato, no nível das relações de vizinhança, na construção de uma identidade concreta” (CARLOS, 2007, p.43)

Em ambas concepções, laços de identidade entre habitantes com o lugar e habitantes entre si permeiam a análise desta relação, do sentimento de pertencimento a um lugar e de intimidade interpessoal. A autora levanta um importante ponto que nos atentaremos quando nos referimos ao espaço urbano e o contexto em que o Baile do DZ7 ocorre, devendo notar que esses processos de apropriação locais estão em sintonia com processos globais. Por isso, para buscar fugir aos reducionismos e vícios de análise encontradas nas Geografias Culturais clássicas e na dita Nova Geografia Cultural, Valverde (2012) sugere os conceitos de

corporeidade e multiterritorialidade para as questões culturais. Não pretendemos enxergar os grupos sociais isolados em seus lugares, nem reduzir o trabalho a um relativismo para a compreensão de um modo de vida por um lado. Por outro, não concluiremos que estes lugares não passam de espaços culturais de gênese estritamente política e econômica, numa lógica de dominação do sistema capitalista que reforça sistemas culturais como mecanismos de poder. Dessa forma, esta abordagem possui relevância neste tipo de trabalho e deve ser levada em consideração no momento da leitura do estudo de caso do Baile, por, de certa maneira, levantar as concepções provenientes destas duas correntes, humanista e crítica, e buscar a unidade do discurso geográfico a partir da categoria espaço presente em ambas.

1.2 Histórico dos estudos geográficos sobre música

A obra de Canova (2014), por meio de uma grande recapitulação de trabalhos de Geografia francófonos e anglófonos versantes sobre o assunto música, revela a importância desta, em suas mais diversas abordagens e temáticas produzidas academicamente no âmbito internacional. Retém-se como principal visão de seu estudo, a música como um indicador da associação e pertencimento dos indivíduos com o espaço, de tal forma que a transformação de sua instrumentalização e prática está estritamente relacionada com os processos sociais em que está inserida. Para o autor, a cumplicidade com a geografia se revela à medida que a música acompanha a humanização e socialização do mundo, e os lugares configuram-se em sonoridades e espacialidades particulares, misturando-se ambos atributos. Apesar do poder da música, dessa atividade desde sempre presente na vida humana, a raridade de trabalhos científicos compõe o paradoxo da escassez de produção científica sobre o assunto na Geografia. No âmbito nacional, Panitz (2012) constrói um panorama dos estudos geográficos sobre música, sendo João Baptista Ferreira de Mello pioneiro em 1991 com sua dissertação de doutorado, contendo uma abordagem sobre a interpretação da cidade do Rio de Janeiro através dos compositores musicais. Um hiato de 9 anos até o início da década de 2000, com crescente interesse sobre o assunto entre os geógrafos e geógrafas, e de grande heterogeneidade de abordagens e temas; o funk, no entanto, não figura entre os gêneros musicais estudados até então, apesar de atrair interesse de estudiosos de outras áreas como a Sociologia, Antropologia e História, bem como da mídia e da cultura popular em geral.

Inspirado nas proposições de Lily Kong (1995), consideraremos a música em sua dualidade estrutural, isto é, sendo um vetor pelo qual as pessoas concebem suas experiências com o meio, bem como o próprio produto dessas experiências. Por isso a discussão levantada

sobre o lugar neste trabalho deverá ser enriquecida através da análise das expressões musicais presentes no estudo de caso. Tomaremos como pressuposto a música enquanto comunicação social, isto é, uma relação dialógica social própria de uma situação histórica e social particular que reflete sua localidade, que expressa visões de mundo emanantes de distintas espacialidades e temporalidades. A autora posteriormente, em texto de 1997, irá pôr em questão a identidade num contexto da globalização: a partir de exemplos provenientes da música popular, ela constata que apesar do crescimento da economia global e dos crescentes movimentos populacionais transnacionais, distintas práticas culturais e identidades locais desenvolvem-se, mantêm-se ou reforçam-se. A música praticada portanto deve conter a influência das forças globalizantes porém destacadas por elementos que a caracterizam como identitários de um lugar no plano local. Veremos como isso ocorre em nosso estudo de caso, relevando as forças globalizantes e fatores locais na configuração do gênero musical funk, tal como ele é concebido atualmente, bem como a configuração espacial do Baile do DZ7, com suas particularidades na escala local.

Crozat (2016) em contribuição ao diálogo entre Geografia e Música propõe entre outras definições que a música:

- É um vetor da experiência dos lugares;
- Oferece um campo de referências para construir identidades individuais e coletivas espacializadas;

Essas identidades são entendidas como flexíveis, isto é, não estritamente definidas por uma cultura herdada dominante e civilizadora, mas são múltiplas, originadas de uma capacidade de projeção de um indivíduo para uma identidade escolhida por ele. Ressalta-se dessa concepção que:

- A identidade é necessariamente social; ela envolve representações e pressupõe um mínimo de reflexividade;
- Toda identidade implica escolhas, uma hierarquização: os lugares não são todos equivalentes uma vez que podemos dar-lhes uma importância desigual;
- Interessar-se pelas identidades é dar uma atenção especial às representações, aos discursos e às práticas normativas, considerá-las como elementos determinantes.

A música, desta sorte, nos interessará por sua função principal, seja ela a produção de identidades: o pertencimento ou enraizamento dos indivíduos, cuja música se instala progressivamente em um lugar.

“A música nos dá uma relação fictícia com horizontes a priori identitários, mas quase sempre espacializados: raras são as produções musicais que não estão ligadas a espaços muito bem definidos.” (CROZAT, 2016, p. 22).

A contribuição de Di Méo (2001) ao discutir a geografia das festas fundamenta também este trabalho. O Baile Funk, se entendido como um evento festivo, é por definição passível de ser localizado: instala-se em um lugar, ao mesmo tempo que o qualifica enquanto tal, ao produzir símbolos territoriais, imprimir um código socio-cultural no espaço geográfico, criar fronteiras, tanto geográficas quanto sociais e culturais, da vivência do espaço. Consideremos portanto as festas em suas dimensões locais como criadoras e reafirmadoras de identidades coletivas, de grupos ou sociedades que a organizam e dela desfrutam.

Para cumprir o objetivo de relacionar música e espaço geográfico a partir da proposição de estudo da música como comunicação social de Lily Kong, e portanto conformadora de identidades, um diálogo com a análise do discurso é proposto. Não é pretendido neste trabalho que este seja seu enfoque, mas sim um apêndice de uma possibilidade de aproximação interdisciplinar. Consideraremos alguns apontamentos de Costa (2012) que indicam elementos onde o olhar geográfico pode trazer uma contribuição, principalmente no que diz respeito à relação texto/contexto. Sendo a música uma forma de discurso, ela é manifestação subjetiva ao mesmo tempo que social e representa uma ação humana heterogênea e interativa. A produção do discurso irá supor suas condições de realização, emanantes de uma prática advindas de grupos que estabelecem relações intersubjetivas permeadas por relações materiais. De tal maneira, uma possibilidade de pesquisa proposta por Costa com a qual podemos dialogar é

[...] analisar a organização social das **comunidades discursivas**, ou seja, verificar como, ao operar a produção simbólica de uma sociedade, os grupos envolvidos com a produção do discurso interagem entre si, demarcando espaços, legitimando-se um nos/aos outros, mesclando-se ou entrando em conflito (COSTA, 2012, p. 63).

Ao analisar a cultura *hip-hop* na região de Campinas, o esforço de Alves (2012) deverá servir como inspiração para os possíveis elementos de análises a serem observados neste

trabalho. O autor associa prontamente o gênero ao conceito de lugar enquanto abrigo da convivência, da vida comum e dos hábitos, do mundo vivido e da obra coletiva, onde criam-se valores, normas e expressões do saber. Ficam como sugestões a apreensão das expressões como a dança, a vestimenta, identidade racial no âmbito da música, buscando entendê-las nas descontinuidades territorializadas do espaço urbano.

1.3 A geografia do funk: agentes sociais e contextos espaciais

O Funk é um subgênero da Música Eletrônica originário dos morros do Rio de Janeiro e que hoje possui grande abrangência nacional, e mesmo internacional, nas práticas de vida das pessoas, acompanhado de uma transformação na sonoridade e no discurso do próprio gênero, ao longo do tempo e do espaço, expressa em suas variadas vertentes (charme, rasteirinha, proibidão, consciente, ostentação, putaria, zoação). Em 1987, os bailes funk cariocas já reuniam cerca de 1 milhão de jovens em aproximadamente 700 festas realizadas na cidade nos fins de semana, segundo Vianna (1987). Estima-se que no Estado o gênero tenha movimentado cerca de R\$ 10 milhões de reais na economia entre 2007 e 2008¹. Este tipo de festa encontra-se hoje difundido em São Paulo desde 2002² nos chamados fluxos, bailes funk em vias públicas da cidade. Reportagens recentes apresentam números dos últimos quatro anos, girando em torno de 165 a 600 fluxos ocorrendo regularmente na capital paulista^{3 4 5}. O funk com toda sua popularidade, desde sua origem carioca, é permeado de polêmicas, estigmas e conflitos sociais, sendo questão ainda atual nos âmbitos da política, sociologia, cultura, economia. No entanto, ainda carece de um debate aprofundado em diversos momentos, portanto ainda passível de preconceitos e discriminações, o que pode levar a ações precipitadas mesmo da ordem do Estado como a proposta legislativa de proibir o gênero, que atingiu 20 mil assinaturas no site do Senado Federal, no mês de maio deste ano⁶. Por outro lado, o mesmo gênero pode ser “elevado” a um patrimônio cultural de um Estado, como no caso do Rio de Janeiro em 2009.

1 BITTENCOURT, Bruna. “Funk movimenta R\$ 10 milhões por mês só no Rio de Janeiro, diz estudo”, Folha Ilustrada. Folha de S. Paulo, 20 de janeiro de 2009.

2 MEKARI, Danilo. “Espalhado pelas periferias brasileiras, Fluxo é um grito dos jovens por diversão nos espaços públicos”. Portal UOL, 29 de dezembro de 2014.

3 ARAÚJO, Pedro Henrique. “Os bailes funk da pesada que acontecem na capital”, Veja São Paulo, 1º junho de 2017.

4 GOMES, Rodrigo. “Prefeitura de São Paulo e PM acertam regulamentação de bailes funk”, Rede Brasil Atual, 1º de abril de 2015.

5 PORTAL UOL. “SP terá espaços para a realização de bailes funk”, 30 de setembro de 2014.

6 CRUZ, Felipe Branco. “Proposta para criminalizar o funk tem 20 mil assinaturas em site do Senado” UOL, São Paulo, 26 de maio de 2017.

A própria designação do estilo que tornar-se-ia o Funk como é conhecido atualmente, era acompanhado do adjetivo “carioca”, indicando uma distinção geográfica do já difundido Funk, estilo de música negra popular norte-americana, derivada do Jazz e Soul. No entanto, em termos musicais, não é possível fazer uma comparação pois recorreríamos a um anacronismo entre os estilos. Por isso é importante resgatar a história desse movimento. Vianna, em 1987 (p. 44), discorre sobre o caráter ideológico e de defesa dos direitos humanos e conscientização negra da música Soul nos primórdios da década de 50 nos Estados Unidos em direção a um rótulo meramente comercial de música negra, já no final dos anos 60. Em termos sonoros, essa música desenvolveu um ritmo mais marcado e uma batida mais dançante, incorporando a gíria “funky”, originalmente de cunho pejorativo, como estilo musical. Nos guetos de Nova Iorque, também durante esse período, via-se um outro movimento de autenticidade negra na realização de festas nos bairros, inspirando-se nas técnicas dos “Sound Systems” jamaicanos, onde o DJ não só reproduzia as faixas dos discos mas mixava e criava novas músicas, enquanto um dançarino ou outra pessoa tomava o microfone e improvisava discursos no ritmo das músicas. Estamos descrevendo muito sucintamente o surgimento do Hip-Hop, que desenvolveu outras formas de expressões identitárias como os grafites e a adoração a roupas de marcas esportivas. Nessa escala global, é notável compararmos a dinâmica espacial similar entre esses gêneros populares, como por exemplo os Sound Systems jamaicanos, já citados. Fatores econômicos como baixa renda da população representa uma característica comum na instrumentalização e difusão do reggae e dub, gêneros musicais destes eventos, no espaço urbano. A ação autônoma e direta dos envolvidos na organização e divulgação dos eventos, como aparelhagem de sons, pequenos comércios, em áreas geralmente enquadradas fora da legislação são aspectos comuns que indicam um certo padrão na instrumentalização de um estilo musical específico. Veremos como esse diálogo global reflete nas festas brasileiras.

No Rio de Janeiro, o “Funk Carioca” enquanto estilo musical ainda não existia na década de 70, mas bailes com temática “Black” já eram realizados na cidade, a princípio na Zona Sul e depois espalhando-se para clubes do subúrbio, revezando-se os locais e multiplicando-se as equipes responsáveis pelas festas. Esses eventos, à semelhança da cultura popular norte-americana, também inspiravam uma conscientização e afirmação negra, que gradualmente foram acontecendo em outras localidades, como São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre. Após altas e quedas na popularidade desses bailes, novos gêneros musicais associados ao movimento como o Hip-Hop, o Charme e o Reggae, e outros de apelo popular geral como o Rock, o autor destaca o descolamento, no final da década de 80, do caráter

temático do orgulho negro nos bailes. Em relação ao aspecto sonoro, os primeiros Funk cariocas criados foram no final da década de 80. Entre os DJ's da cena, antigos e atuais, reconhece-se que a base sonora de fato para o Funk Carioca surgiu do Miami Bass, estilo eletrônico, com alcunha igualmente geográfica. De acordo com a reportagem de Camilo Rocha (2017), esse gênero dava a base sonora e temática das letras como as músicas “Do Wah Diddy” do grupo 2 Live Crew e “Volt Mix” do DJ americano Battery Brain, impulsionado pelos DJ's pioneiros no Brasil, notadamente o DJ Marlboro e suas primeiras coletâneas de funk. Nos anos 90 cresce a popularidade do gênero, ainda localizado no Rio de Janeiro, por incursões nas grandes mídias, acompanhado do surgimento de vertentes mais melódicas e letras diversas, desde temas românticos até denúncias de violência nas favelas. Os anos 2000 representam uma nova explosão do gênero na escala nacional, ampliando a aceitação entre ouvintes das classes média e alta, alavancado por sucessos como dos artistas MC Serginho & Lacraia, Bonde do Tigrão, Naldinho e Bela, bem como o expoente das artistas mulheres, como Tati Quebra-Barraco e Deize Tigrona e a participação de músicos americanos na difusão do gênero, por meio da produção de documentários e colagens de músicas em faixas de artistas internacionais, como a cantora M.I.A.

A partir de 2010 é que começa a produção significativa do Funk em São Paulo e sua projeção nacional. No documentário Funk Ostentação, é reconhecido a Baixada Santista como berço do gênero no Estado, como indicado pelo produtor Marcelo Fernandes e DJ Baphafinha. O gênero que já era escutado nos anos anteriores, foi tomando força nos anos 2000 pela incorporação das festas, hábitos, identidades das festas cariocas nas casas de shows em Santos. Da mesma forma, a sonoridade e as letras sobre sexualidade e crime acompanham o movimento que ocorria no Rio de Janeiro. O elemento original trazido ao gênero viria mais tarde, pelo chamado Funk Ostentação, com origem nas primeiras incursões na cidade de São Paulo, inspirados pelo movimento da Baixada Santista, por meio de festas e festivais que revelaram os primeiros artistas como os MC's Bio G2 e Dede. Marcelo Fernandes destaca Cidade Tiradentes como o primeiro bairro da cidade onde o Funk tornou-se presente em festas da comunidade. Konrad Dantas, diretor da produtora Kondzilla, representa enfim o movimento de ascensão do estilo em São Paulo na produção de artistas e videocliques por meio da Internet, principalmente pela plataforma YouTube, criando uma estética que remete ao RAP norte-americano pela adoração ao dinheiro, produtos de luxo como bebidas, roupas e veículos, assim como a exibição constante dos corpos femininos nas produções audiovisuais.

Atualmente em São Paulo, observamos a importância dos espaços públicos, principalmente nas periferias da cidade, na difusão do Funk, através dos chamados fluxos ou

bailes de rua/de favela. No documentário “No Fluxo”, os MC’s entrevistados destacam a repressão policial nos primeiros bailes organizados pelas comunidades, o que levou a uma configuração orgânica e espontânea dos fluxos pelos frequentadores, que autonomamente levavam seus sistemas de som, bebidas, formando aos poucos um ajuntamento de pessoas nas ruas. Ainda no filme, vemos as motivações dos frequentadores e MC’s para ir aos bailes: conhecer novas pessoas e reunir amigos e comunidade, curtir o baile e a música Funk, dançar, beber e “chapar”. É ainda citada a limitação financeira dos frequentadores como motivo para ir se divertir na rua, em detrimento dos bailes fechados e clubes noturnos. O baile é também visto como uma válvula de escape para os entrevistados, um meio de esquecer dos problemas e sofrimentos da vida, um espaço para a “zoeira”, a diversão. O flerte e o apelo sexual do baile é também um estímulo aos frequentadores. Nesse quesito, é denotado nas falas a importância da postura corporal, das roupas de marca, cortes de cabelo. Bebidas, carros, motos e sistemas de som também atraem a atenção de quem está no fluxo, que pode ter um caráter mais local, comunitário, ou bailes maiores, que agregam pessoas de outras localidades.

Deve-se destacar também a importância das redes sociais, Facebook, Instagram, WhatsApp e Twitter, como veículos de informação dos bailes, para combinar entre amigos ou saber em qual baile irão. Além das plataformas anteriores que ajudam no compartilhamento das músicas entre produtores e ouvintes, o Youtube e os formatos online das músicas em MP3 são também a base de dados para a reprodução das músicas nos bailes. Finalmente, os fluxos em São Paulo possuem relevância para o gênero Funk pela difusão das músicas entre a população, como indicado pelos próprios MC’s. Segundo eles, os fluxos impulsionam o trabalho dos artistas, consolidam o seu sucesso ao abranger uma grande audiência, que funciona como um termômetro de popularidade e aceitação das músicas, inspirando DJ’s e MC’s a produzirem pensando no espaço em que sua música será divulgada.

Pereira (2010) observa em seu trabalho que ocorrem diferentes intensidades de participação em culturas juvenis ou nas práticas articuladas em torno de elementos culturais de massa, como a música, em especial no nosso caso o Funk, além das vestimentas e acessórios, por exemplo. Essas diferenças indicam que não há um grande grupo homogêneo, como uma tribo urbana com práticas regulares, e outros fatores além da música influenciam na formação de vínculos de amizade e identidade, como, por exemplo, a proximidade geográfica, pertinente ao nosso trabalho. Outros ambientes além do baile de rua, principalmente a escola, o bairro, a vizinhança, são levados em consideração. Por isso o Funk aborda “[...] a cultura de massa, os automóveis, os aparelhos de telefone celular, a apropriação festiva do espaço da rua e o repertório da criminalidade [...]” e essa prática de

rua nos bairros periféricos envolvem múltiplas relações, sendo o Funk um campo de percepção dos jovens para diversos assuntos. (PEREIRA, 2010, p. 22).

Aquino e Silva Júnior (2012) destacam a importância da música e da informação musical na conformação de identidades por meio dos espaços cibernéticos, sendo o Funk o gênero estudado pelos autores. Vemos que as tecnologias de base microeletrônica estão presentes em quase todas as atividades humanas e são vetores de experiências estéticas, na apreciação da arte e também no compartilhamento e comunhão de emoções e sentimentos. A música popular nesse contexto torna-se extremamente eclética e mutável, integrando contribuições locais com expressões de novas correntes culturais e sociais, com o aporte de novas ferramentas que surgem a cada instante. A produção e o consumo de informação musical também será constituinte na forma de perceber a si mesmo e ao mundo que o cerca, virtual ou digital.

Capítulo 2

A comunidade de Paraisópolis no contexto urbano de São Paulo

Iremos neste ponto do trabalho buscar compreender a formação de Paraisópolis, indicando sua localização na cidade de São Paulo, os fatores físicos deste espaço e seu desenvolvimento histórico, apontando características socioeconômicas que nos ajudem a caracterizá-la e distingui-la das demais localidades na metrópole. Na escala nacional, sabe-se que as favelas surgem em um contexto de acentuado crescimento das cidades na segunda metade do século XX, acompanhadas de um grande êxodo populacional para os grandes centros urbanos em busca de melhores oportunidades de vida. Veremos de forma breve como Paraisópolis se conforma nesse contexto, com o intuito de compreender melhor este espaço e, na sequência, a experiência deste, por meio de um dos principais bailes funk da cidade de São Paulo.

2.1 Espaço físico

Paraisópolis localiza-se na Zona Sul da cidade de São Paulo, na Subprefeitura de Campo Limpo, Distrito Vila Andrade, reconhecida pela proximidade ao bairro nobre do Morumbi. Podemos observar na figura 1 uma área delimitada entre as coordenadas geográficas 23°38'33" S, 46°24'47" W e 23°35'58" S, 46°41'35" W, correspondendo a aproximadamente 25 km² na qual está inserida Paraisópolis. Observamos os detalhes do trabalho dos autores a diversidade de paisagens e uso do solo nas regiões próximas à favela, como construções verticais e horizontais de alto padrão, áreas industriais, eixos viários, além da própria área de Paraisópolis, caracterizada por suas construções informais e arruamentos e quarteirões relativamente bem definidos. Sua ocupação ocorreu a partir da malha viária estrutural que originou o loteamento, segundo Silva (p. 80, 2016). Há também uma forte densidade ocupacional das quadras com geometria regular, que se encontram sobre os principais canais de drenagem das quatro microbacias que drenam as águas da comunidade: Antonico, Brejo, Grotão e Grotinho. O acesso se dá no sentido Norte-Sul principalmente pelas ruas Pasquale Gallupi, Ernest Renan e Iratinga. No sentido Leste-Oeste ocorre a conexão com

os sistemas viários oficiais, pelas ruas Melchior Giola, Herbert Spencer e Rudolf Lotze. Linhas de ônibus conectam-na à Zona Sul e Zona Oeste/Centro.

Ainda segundo o autor, o uso do solo é predominantemente residencial, com uma variedade de comércio, serviços e usos mistos, com poucas áreas verdes e equipamentos de lazer, sendo as ruas os principais espaços de relação e convívio entre moradores. Os fundos de vale são insalubres e degradados e são também receptores dos efluentes domésticos. Mesmo havendo em alguns trechos redes coletoras de esgoto, essas redes têm seu lançamento também nos cursos d'água. Segundo o Censo do IBGE de 2010, a população de Paraisópolis corresponde a 42.826 habitantes, dado contestado pelo vice-presidente da União dos Moradores e do Comércio de Paraisópolis à época, Joildo Santos⁷. Estimativas locais, segundo Joildo, giram em torno de 80 a 100 mil habitantes, considerando também as microrregiões do Grotão, Fazendinha e Brejo que compõem a comunidade.

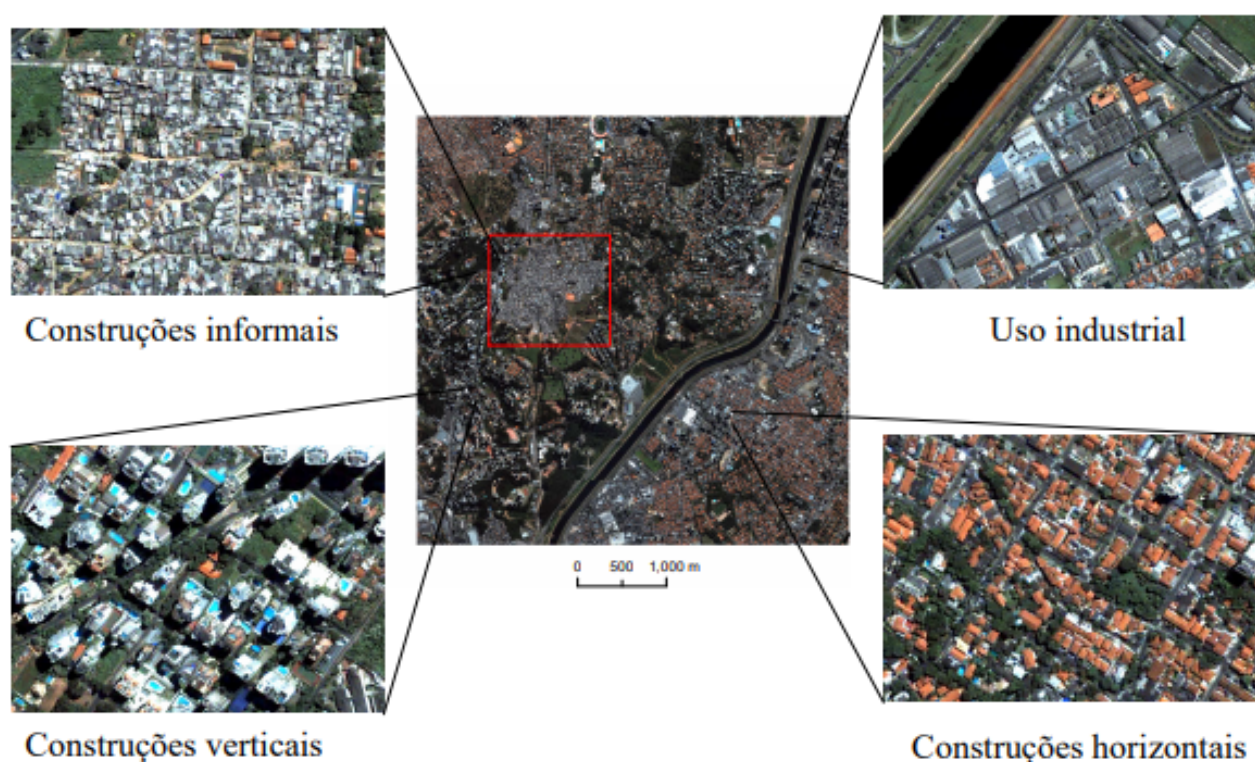


Figura 1. Área delimitada pelas coordenadas 23°38'33" S, 46°24'47" W e 23°35'58" S, 46°41'35" W, onde encontra-se Paraisópolis, em destaque vermelho. Observa-se as diferentes paisagens do entorno. FONTE: KUX, NOVACK, FONSECA, 2009.

Segundo a autora Maria da Glória Gohn (p. 273, 2010), Paraisópolis é a segunda maior favela de São Paulo, a quinta maior do Brasil e quarta da América Latina, ocupando 1,5

7 IBGE divulga levantamento impreciso sobre população de Paraisópolis: <http://paraisopolis.org/ibge-divulga-levantamento-impreciso-sobre-populacao-de-paraisopolis/>

milhão de metros quadrados, agregando 21 mil moradias como barracos, construções em alvenaria e sobrados, e 89 mil moradores. Jônatas Silva (2016) traz outras informações relevantes para visualizarmos o espaço físico e infraestrutura da favela, como suas ruas em grande parte asfaltadas, relativo abastecimento de água, luz e esgoto, comparado com as demais favelas da cidade. O autor destaca a presença de mais de 8 mil estabelecimentos comerciais, possibilitando que 21% de seus moradores trabalhem na própria comunidade, que conta também com 5 creches, 13 escolas e 5 unidades bancárias.

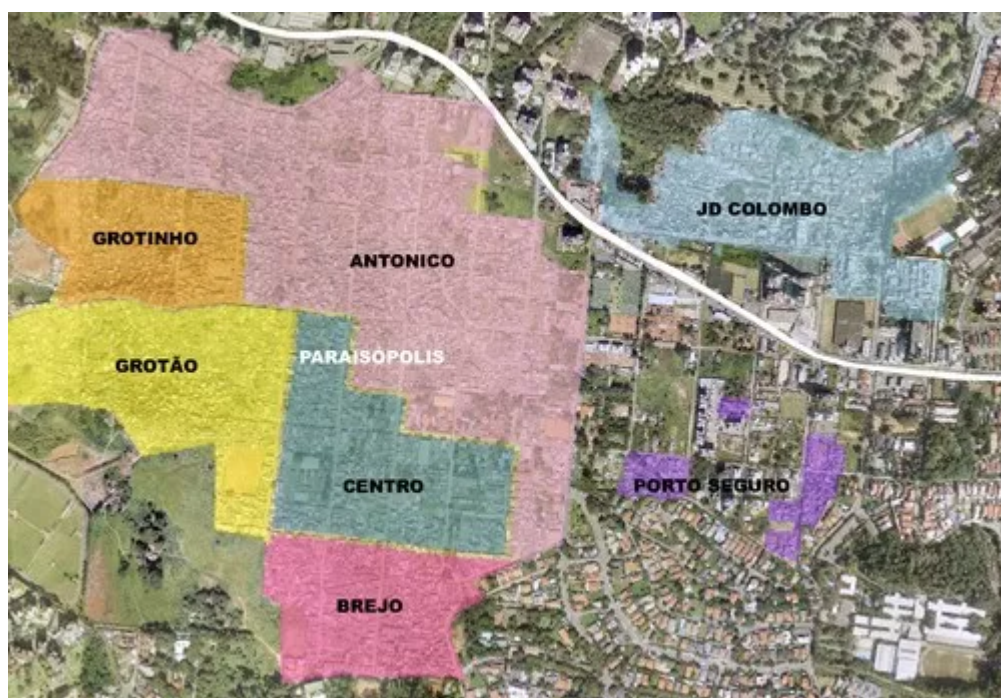


Figura 2. Mapa da divisão interna de Paraisópolis⁸

No mesmo trabalho, Silva expõe a desigualdade de infraestrutura no interior da comunidade, contrastando áreas com melhor infraestrutura, imóveis com bons acabamentos e regularizados no Centro em relação às precárias habitações na região do Grotão e outros locais, com estruturas de madeira, construções sobre córregos e esgotos a céu aberto, denunciando a insalubridade de parte dos moradores e a necessidade da implantação de um sistema de saneamento básico nesses locais. Devido ao seu elevado crescimento populacional, sua urbanização e localização, Paraisópolis é alvo de diversos investimentos públicos e privados, aumentando seu potencial de consumo e geração de negócios, consolidando a heterogeneidade observada acima. Apesar de suas deficiências, a comparação com pequenos núcleos de favelas é desproporcional, no sentido em que não se trata de uma população

8 FONTE: <http://paraisopolis.org/arquiteto-projeta-predio-comercial-para-paraisopolis/>, acessado em 21 de Novembro de 2011

homogeneamente de baixa renda e excluídos. As classes sociais são mais amplas, com comerciantes, profissionais liberais, de classe média e mesmo alta, segundo o autor, que cresceram e se consolidaram naquele local, encravado em uma região nobre, de um importante centro econômico que é a cidade de São Paulo, uma das mais ricas da América Latina.

2.2 Fatores de localização e histórico

Para compreender a configuração da favela de Paraisópolis, que abriga o Baile do DZ7 atualmente, é necessária uma breve retomada histórica dos acontecimentos que levaram à sua formação. Evidentemente a escolha de um recorte pertinente para este trabalho é de grande importância para que não se distancie do objetivo principal de estudar a geografia desta área da cidade, e por isso indicamos como primeiro momento a década de 1950, início do fluxo de migrantes no país rumo a São Paulo. O crescimento populacional neste período foi bastante intenso, e com ele o aumento dos bairros mais pobres, iniciando a formação de favelas para a população que buscava melhores condições de vida mas não se enquadravam nos padrões do mercado imobiliário (CASTILHO, p. 36, 2013). As favelas e os bairros mais pobres, ainda segundo a autora, localizavam-se perifericamente, passando a fazer parte da cidade, ocupando de forma irregular o solo urbano, em loteamentos clandestinos ou em áreas públicas e particulares. O amplo crescimento da população nas décadas seguintes, principalmente durante os anos 70 e 80, resultou em um incremento de 256 mil pessoas aproximadamente por ano na cidade (IDEM, p. 39), acompanhado de uma defasagem da infraestrutura em relação a esse fenômeno, que não atendia a demanda populacional nas questões de transporte, abastecimento e habitação.

Os bairros do Morumbi e Vila Andrade, mais especificamente, que incorpora Paraisópolis, tiveram o maior crescimento da cidade de São Paulo no período entre 1990 e 2000, segundo Gohn (p. 269, 2010), equivalente a 70%, concentrando 5,8% do total de oferta de imóveis novos no início de 2002. Na região estão localizados o Parque Burle Marx e o Panamby, com a presença de condomínios verticais sofisticados, com elevado preço do metro quadrado. No entanto, a área também foi ocupada simultaneamente por favelas, sendo possível observar a separação entre moradias de grupos sociais distintos apenas por uma rua, um declive ou um muro.

A ocupação em Paraisópolis teve origem no início da década de 20 do século passado, através do loteamento de parte da antiga Fazenda Morumbi, projetada com malha viária

ortogonal com quadras de 100 m x 200 m e ruas com 10 metros de largura, segundo Oliveira (2006). O empreendimento era voltado à elite, e as primeiras ocupações iniciaram-se na década de 30, mas o caráter especulativo dessa área, associado a fatores como infraestrutura precária, topografia, dificuldade de acesso e distância do centro dificultaram o sucesso do empreendimento e facilitaram sua ocupação por grileiros e posseiros, instigando diversas disputas de posses. Castilho (2013), Silva (2016) e Pizarro (2014) destacam a década de 50 como período de efetivo início do crescimento populacional na região, com a chegada dos primeiros migrantes alagoanos, baianos, pernambucanos, cearenses, mineiros, constituindo uma comunidade unida. Esse movimento foi impulsionado pela construção do Palácio dos Bandeirantes, que atraiu os trabalhadores para a região e em consequência de seus ganhos, a vinda de seus familiares, processo repetido posteriormente com a construção do Estádio do Morumbi na mesma década, obra grandiosa e demorada com alta demanda de mão-de-obra.

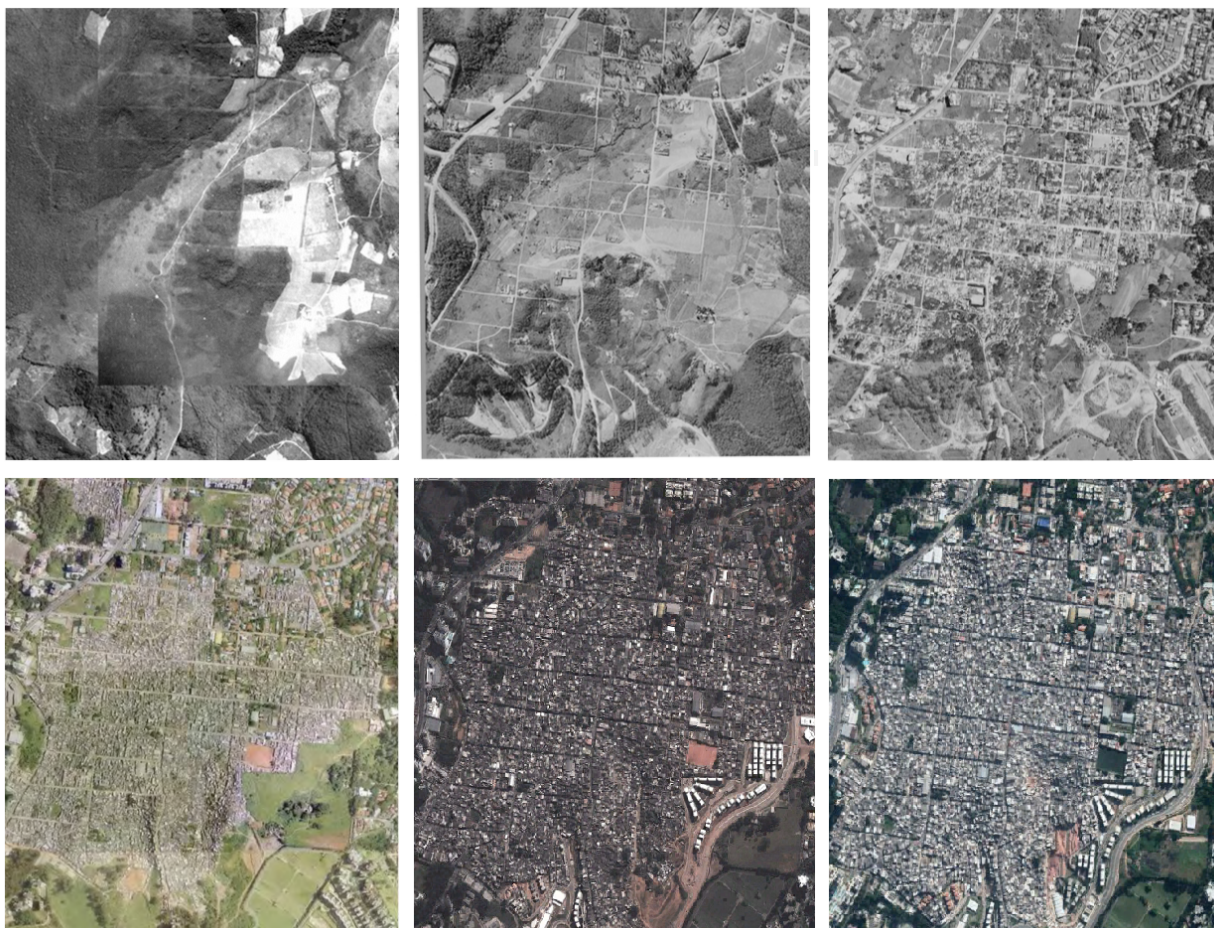


Figura 3. Imagens de satélite mostrando a evolução da ocupação da área de Paraisópolis. Da esquerda para a direita na parte superior, os anos de 1940, 1968 e 1987. Na parte inferior, da esquerda para a direita, os anos de 2004, 2014 e 2018. FONTE: PIZARRO (2014) e Google Earth

Estes processos culminam com a intensa expansão imobiliária na região com a construção do bairro de alto padrão do Morumbi, a abertura de vias de acesso como a Avenida Giovanni Gronchi e os cemitérios Gethsemani e Morumbi, aumentando a especulação imobiliária na região e o valor das propriedades, os conflitos entre os donos legítimos, posseiros e os moradores de fato, a demanda por trabalhadores da construção civil e serviços a serem prestados nos novos comércios e residências. Em suma, o interesse pela região e pela ocupação irregular é cada vez maior, tornando a área assunto estratégico tanto do poder público quanto da iniciativa privada.

Ainda sobre os processos históricos constitutivos desta localização, destacamos a continuidade da expansão urbana na década de 80, numa crescente demanda do setor construtivo e dos fluxos migratórios, acompanhado de medidas legislativas do poder público que buscam limitar o uso da região apenas para fins habitacionais; ainda houve um Plano de Reurbanização que propôs a desapropriação de grande parte da região. Com esse crescimento, ocorreu o aumento da densidade populacional em Paraisópolis e ocupação em áreas de maiores declividades, aumentando situações de condições insalubres e de risco (CASTILHO, p. 180, 2013). Nessa época, Silva salienta sobre a criação da União dos Moradores de Paraisópolis, com o objetivo de melhorar a condição de vida dos moradores. Durante esse período, houve melhorias no oferecimento de serviços como energia elétrica, saneamento básico e linhas telefônicas, bem como a substituição da madeira pela alvenaria nas edificações, principalmente no centro da comunidade, áreas com menores declividades.

Na década seguinte, a ocupação das bordas da comunidade, de maiores declividades, principalmente as regiões do Grotão e Grotinho, intensificou-se, impulsionada pela remoção de moradores de favelas próximas à região como o Real Parque e Águas Espraiadas (OLIVEIRA, p. 79, 2006 e PIZARRO, p. 112, 2014). Projetos de urbanização iniciaram-se nos anos 90 em Paraisópolis e arredores, junto com a contínua intensificação da construção de moradias por conta dos baixos valores dos terrenos. Atualmente, há em curso um processo de regularização fundiária por meio da demarcação de área de interesse público, desapropriação ou aplicação do direito de preempção, doação com perdão da dívida e distribuição, em algumas áreas, de título de posse a moradores.

Capítulo 3

Estudo de caso: o Baile do DZ7

Nesta parte do trabalho daremos enfoque ao Baile do DZ7, baile funk que ocorre no seio da comunidade de Paraisópolis, trazendo como dados de análise relatos de campo, questionários, avaliações sobre o baile no espaço virtual e análise das letras de músicas que se referem ao baile. O objetivo deste capítulo é relacionar as falas dos sujeitos participantes desses eventos periódicos com a problemática posta no início do trabalho e as discussões decorrentes sobre a relação entre música e geografia.

3.1 Localização

O Baile do DZ7 ocorre na favela de Paraisópolis, com núcleo no cruzamento das ruas Herbert Spencer e Ernest Renan, normalmente às quintas-feiras, sextas-feiras, sábados, domingos e feriados, a depender das condições atmosféricas, eventuais intervenções policiais ou outras circunstâncias diversas. O baile aparentemente não possui uma organização central, por isso está sujeito a essas mudanças.



Figura 4. Em destaque, área de principal concentração de pessoas durante o Baile do DZ7, com indicações de comprimento das quadras. FONTE: Google Maps. ELABORAÇÃO: Do autor

O local, durante o baile, é repleto de bares e lanchonetes que servem aos frequentadores, além dos vendedores ambulantes nas ruas. Durante o dia e nos outros períodos da semana, comércios e serviços são abundantes, como lojas, mercados, salões, lanchonetes e demais serviços. O Baile começa a bombar a partir da meia-noite, segundo os MC's 2K, Poneis e Sacana, em entrevista ao programa A Liga (2016), com a agregação espontânea das pessoas que vão chegando aos poucos. O Bar do Dezesete – O Rei das Batidas, fundado em 1997, representa o marco zero do baile, onde no início o proprietário ligava um Samba e as pessoas em seguida colocavam o som nos carros em frente ao bar, evoluindo posteriormente ao Funk, gênero que o proprietário diz viver através dele, em sua fala. Os carros de som, que compõem a principal fonte de música do baile distribuem-se ao longo das ruas e podem chegar pelo menos a 20, como indicado no programa.

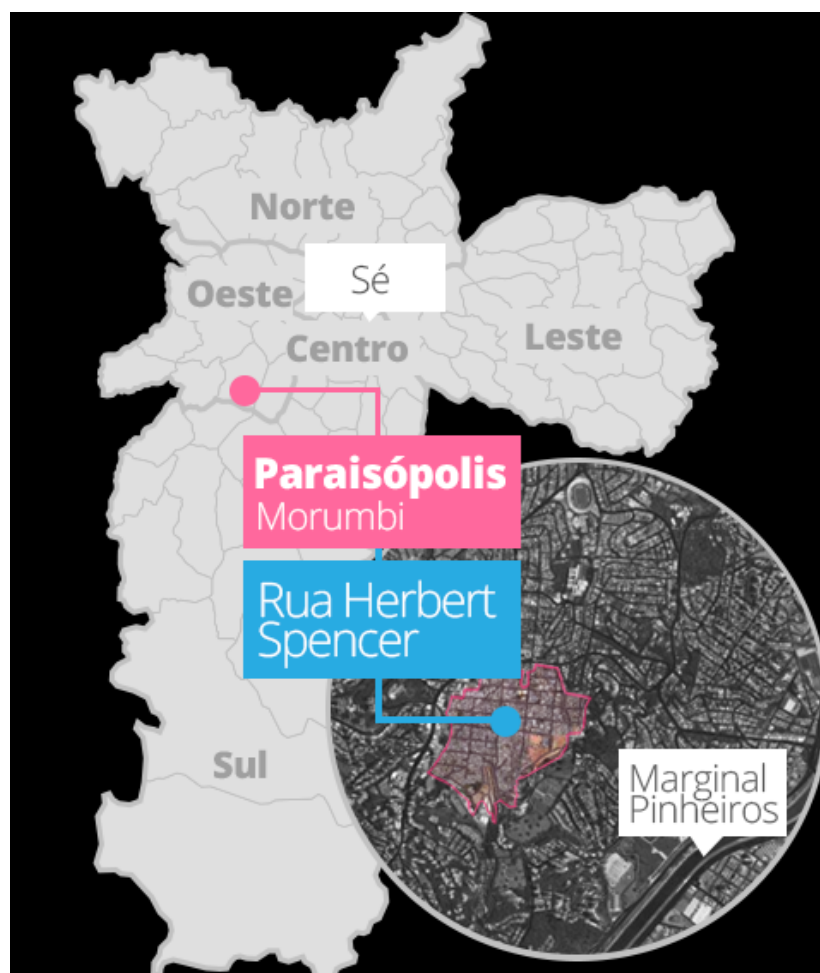


Figura 5. Localização do Baile do DZ7 na cidade de São Paulo. FONTE: PAULO (2017)

3.2 Questionários

Uma importante base de dados obtidas durante a pesquisa veio através da realização de questionários com alunos do Cursinho Popular Emancipa Paraisópolis, localizado no CEU Paraisópolis, Rua Dr. José Augusto de Souza e Silva, s/n, Jardim Parque Morumbi. Os questionários foram distribuídos aos alunos em duas datas, 9 de Dezembro de 2017 e 12 de Maio de 2018, e suas perguntas e respostas estão transcritas abaixo. Sendo o Funk a principal atividade-vetor do baile que congrega milhares de jovens na comunidade, buscou-se obter deles as impressões relacionadas à música em si e finalmente em relação ao Baile do DZ7. A indicação do local de moradia é um dado relevante também para observar as divergências de opinião em relação ao baile, de acordo com o local de moradia. Também estão contidas no questionário informações em relação à presença ou não, em algum momento desses jovens, no baile, bem como se este é popular ou conhecido em seus círculos sociais de amizade. É evidente que a amostragem não expressa o conjunto dos frequentadores do baile, que é imenso e diverso, tampouco a totalidade dos moradores de Paraisópolis, mas dá luz à pesquisa do que pensam alguns moradores da comunidade que também são, a julgar pela faixa etária, o público mais comum. A finalidade é obter o nível de influência que o baile possivelmente acarreta nesses indivíduos. Para manter maior fidedignidade das respostas, eventuais estruturas e ortografias fora da norma-padrão foram mantidas:

- **QUESTIONÁRIO 1**

IDADE: 18

GÊNERO: Feminino

- **Você é morador (a) da comunidade de Paraisópolis? SIM**
- **Se não, onde você mora? _____**
- **Você já foi ou frequenta o Baile do DZ7? SIM**
- **Você tem amigos (as) que frequentam o Baile? SIM**
- **Escreva um pouco sobre sua relação com o funk: (Dicas: diga se você gosta ou não, em que situações você ouve, como conhece as músicas e MC's, etc...)**

“Eu gosto, ouço boa parte da semana, quando quero algo para me animar, é um dos gêneros que me agradam. As músicas e novos artistas vou por influência dos amigos e boa parte pelo Youtube, quando o assunto é música, não importa o gênero, sempre é bom descobrir coisas novas e ficar por dentro das tendências.”

- **Se você conhece o Baile do DZ7, escreva um pouco sobre ele: (Se você gosta ou não, por que você vai ou não, etc...)**

“Atualmente, o Baile do DZ7 tem muita bagunça, e não somente por parte dos moradores, mas também das pessoas que vêm de fora. Sem contar na quantidade de lixo que fica no dia seguinte. A violência é outro impedimento, às vezes por parte da polícia e em boa parte das vezes por conta de jovens que com a ajuda de bebidas alcóolicas e drogas ilícitas acabam passando dos limites.”

- **QUESTIONÁRIO 2**

IDADE: 38

GÊNERO: Masculino

- **Você é morador (a) da comunidade de Paraisópolis? NÃO**
- **Se não, onde você mora?** Vila Andrade
- **Você já foi ou frequenta o Baile do DZ7? NÃO**
- **Você tem amigos (as) que frequentam o Baile? NÃO**
- **Escreva um pouco sobre sua relação com o funk: (Dicas: diga se você gosta ou não, em que situações você ouve, como conhece as músicas e MC's, etc...)**

“O funk é um ritmo de musica comum nas comunidades para expressar muitos dos problemas encontrados, nas dificuldades. Gosto de estilos que acentuam os problemas e não da vulgaridade atribuída a ele. Gosto de ouvir letras construtivas e conheço poucos DJs ou MCs.”

- **Se você conhece o Baile do DZ7, escreva um pouco sobre ele: (Se você gosta ou não, por que você vai ou não, etc...)**

“Não conheci ainda espero uma oportunidade para ir e então verificar se gosto ou não.”

- **QUESTIONÁRIO 3**

IDADE: 17

GÊNERO: Masculino

- **Você é morador (a) da comunidade de Paraisópolis? NÃO**
- **Se não, onde você mora?** Pq Regina – Campo Limpo
- **Você já foi ou frequenta o Baile do DZ7? SIM**
- **Você tem amigos (as) que frequentam o Baile? SIM**

- **Escreva um pouco sobre sua relação com o funk: (Dicas: diga se você gosta ou não, em que situações você ouve, como conhece as músicas e MC's, etc...)**

“Gosto sim, porém algumas musicas denegrem a imagem da mulher e trazem uma imagem do prazer e ostentação, porém o baile é para trazer uma descontraída do dia á dia”

- **Se você conhece o Baile do DZ7, escreva um pouco sobre ele: (Se você gosta ou não, por que você vai ou não, etc...)**

“O Baile da DZ7, é o 2º maior de São Paulo. Localizado no Paraisópolis, a 2ª maior favela de São Paulo, chega a receber cerca de 5 mil pessoas de diversas classes sociais e idade, playboy ou classe baixa (pobre). Começa tarde da noite normalmente sabado ou sexta, e vai até o amanhecer, ás 10:00 da manhã, tem bebida alcoolica drogas, de tudo, além de muito som, acontece na rua da feira. Vai homens e mulheres, de todas as idades, conhecidos como ‘Malokas’ e ás ‘Minas’. Serve para reunir a comunidade, de toda Zona Sul.”

- **QUESTIONÁRIO 4**

IDADE: 16

GÊNERO: Feminino

- **Você é morador (a) da comunidade de Paraisópolis? NÃO**
- **Se não, onde você mora? Capão redondo**
- **Você já foi ou frequenta o Baile do DZ7? NÃO**
- **Você tem amigos (as) que frequentam o Baile? SIM**
- **Escreva um pouco sobre sua relação com o funk: (Dicas: diga se você gosta ou não, em que situações você ouve, como conhece as músicas e MC's, etc...)**

“Eu gosto de escutar funks, mas não aqueles com muita pornografia, eu escuto no dia a dia no celular. E acabo conhecendo as músicas nas festas ou com os amigos mesmo.”

- **Se você conhece o Baile do DZ7, escreva um pouco sobre ele: (Se você gosta ou não, por que você vai ou não, etc...)**

“Eu nunca fui na DZ7 mas não tenho nada contra, meus amigos que já foram falam que é muito bom.”

• QUESTIONÁRIO 5

IDADE: 17

GÊNERO: Masculino

- **Você é morador (a) da comunidade de Paraisópolis? NÃO**
- **Se não, onde você mora? Vila Calú**
- **Você já foi ou frequenta o Baile do DZ7? NÃO**
- **Você tem amigos (as) que frequentam o Baile? SIM**
- **Escreva um pouco sobre sua relação com o funk: (Dicas: diga se você gosta ou não, em que situações você ouve, como conhece as músicas e MC's, etc...)**

“Eu gosto de algumas músicas de funk só aquelas que não tem muito palavrão, gosto de ouvir mais para distrair, conheço algumas músicas de Mcs não muitas.”

- **QUESTIONÁRIO 6**

IDADE: 17

GÊNERO: Feminino

- **Você é morador (a) da comunidade de Paraisópolis? NÃO**
- **Se não, onde você mora?** Jardim Nakamura, Alto da Riviera
- **Você já foi ou frequenta o Baile do DZ7? NÃO**
- **Você tem amigos (as) que frequentam o Baile? SIM**
- **Escreva um pouco sobre sua relação com o funk: (Dicas: diga se você gosta ou não, em que situações você ouve, como conhece as músicas e MC's, etc...)**

“Pra mim funk é um ritmo musical respeitado, amigos e familiares escutam, no celular há alguns para diversificar mas não gosto daqueles que explicitam e vulgarizam a mulher.”

- **Se você conhece o Baile do DZ7, escreva um pouco sobre ele: (Se você gosta ou não, por que você vai ou não, etc...)**

“O baile da DZ7 me é conhecido por colegas que já frequentaram, dizem que de tudo rola e que dependendo da situação, até polícia chega.”

- **QUESTIONÁRIO 7**

IDADE: 18

GÊNERO: Feminino

- **Você é morador (a) da comunidade de Paraisópolis? NÃO**
- **Se não, onde você mora?** Capão Redondo
- **Você já foi ou frequenta o Baile do DZ7? NÃO**
- **Você tem amigos (as) que frequentam o Baile? SIM**
- **Escreva um pouco sobre sua relação com o funk: (Dicas: diga se você gosta ou não, em que situações você ouve, como conhece as músicas e MC's, etc...)**

“Gosto de funk pela batida, a melodia e não pela letra da música, ouço em festas, rádio. Conheço pelo Youtube, por amigos e novamente por rádio também.”

- **Se você conhece o Baile do DZ7, escreva um pouco sobre ele: (Se você gosta ou não, por que você vai ou não, etc...)**

“Nunca frequentei o Baile do DZ7, apenas ouço falar. Não frequento pois é longe de onde moro e não me sentiria confortável, pois digamos que baile funk não é meu lugar preferido.”

- **QUESTIONÁRIO 8**

IDADE: 26

GÊNERO: Masculino

- **Você é morador (a) da comunidade de Paraisópolis? SIM**
- **Se não, onde você mora? _____**
- **Você já foi ou frequenta o Baile do DZ7? SIM**
- **Você tem amigos (as) que frequentam o Baile? SIM**
- **Escreva um pouco sobre sua relação com o funk: (Dicas: diga se você gosta ou não, em que situações você ouve, como conhece as músicas e MC's, etc...)**

“Gosto do funk, de antigamente porque o de hoje desvaloriza muito a mulher. Eu já fui sim umas 2 ou 3 vezes. Hoje já não vou mais, devido porque eu trabalho no dia seguinte e funk é curtidão e não baderna.”

- **QUESTIONÁRIO 9**

IDADE: 19

GÊNERO: Feminino

- **Você é morador (a) da comunidade de Paraisópolis? SIM**
- **Se não, onde você mora? _____**

- **Você já foi ou frequenta o Baile do DZ7? NÃO**
- **Você tem amigos (as) que frequentam o Baile? SIM**
- **Escreva um pouco sobre sua relação com o funk: (Dicas: diga se você gosta ou não, em que situações você ouve, como conhece as músicas e MC's, etc...)**

“Em relação ao funk, é um estilo musical que eu gosto mais ou menos, devido algumas músicas terem letras um pouco pejorativas e normalmente, ouço funk quando frequento alguma festa ou quando estou em algum momento descontraído com os amigos, os mesmos me apresentam as músicas e MCs.”

- **Se você conhece o Baile do DZ7, escreva um pouco sobre ele: (Se você gosta ou não, por que você vai ou não, etc...)**

“O Baile do DZ7, atualmente, é bastante desorganizado, além do barulho que incomoda muitas pessoas, também tem o excesso de lixo que ficam depositados nas ruas. Sem contar, os casos de violência que acontecem, tanto por parte de alguns moradores, quanto de pessoas de fora que frequentam o baile.”

• **QUESTIONÁRIO 10**

IDADE: 18

GÊNERO: Feminino

- **Você é morador (a) da comunidade de Paraisópolis? SIM**
- **Se não, onde você mora? _____**
- **Você já foi ou frequenta o Baile do DZ7? SIM**
- **Você tem amigos (as) que frequentam o Baile? SIM**
- **Escreva um pouco sobre sua relação com o funk: (Dicas: diga se você gosta ou não, em que situações você ouve, como conhece as músicas e MC's, etc...)**

“Gosto muito de funk pois ouço muito em bar, carros e rádios por isso passei a gostar. Mais muitas letras passam falando sobre as mulheres, palavrões e apologia ao sexo.”

- **Se você conhece o Baile do DZ7, escreva um pouco sobre ele: (Se você gosta ou não, por que você vai ou não, etc...)**

“Não gosto do Baile do DZ7 porque tem muitas drogas, pessoas de fora e muitas bebidas. O baile também dura a noite toda, familiares que precisam descansar não conseguem”

- **QUESTIONÁRIO 11**

IDADE: 16

GÊNERO: Feminino

- **Você é morador (a) da comunidade de Paraisópolis? SIM**
- **Se não, onde você mora? _____**
- **Você já foi ou frequenta o Baile do DZ7? SIM**
- **Você tem amigos (as) que frequentam o Baile? SIM**
- **Escreva um pouco sobre sua relação com o funk: (Dicas: diga se você gosta ou não, em que situações você ouve, como conhece as músicas e MC's, etc...)**

“Gosto sim de funk, mais só alguns, tem alguns que são nojentos e indecentes. As vezes ouço pelo fone de ouvido, mais a maioria das vezes é com os amigos. Conhecemos pelas redes sociais como o facebook, instagram, youtube e outras fontes”

- **Se você conhece o Baile do DZ7, escreva um pouco sobre ele: (Se você gosta ou não, por que você vai ou não, etc...)**

“Particularmente, eu já frequentei mas não gosto mais, é muito cheio, ocorre muitas brigas, muitas vezes a polícia invade, as pessoas usam muitas drogas. De vez em quando frequento outro baile, se chama Bega, também tem esse tipo de coisa, porém não se compara

com a bagunça da DZ7. Se você souber aproveitar, sem se prejudicar, da pra ir de vez em quando, mesmo não sendo indicado. Afinal é prejudicial a alguns moradores.”

- **QUESTIONÁRIO 12**

IDADE: _____

GÊNERO: _____

- **Você é morador (a) da comunidade de Paraisópolis? SIM**
- **Se não, onde você mora?** _____
- **Você já foi ou frequenta o Baile do DZ7? NÃO**
- **Você tem amigos (as) que frequentam o Baile? SIM**
- **Escreva um pouco sobre sua relação com o funk: (Dicas: diga se você gosta ou não, em que situações você ouve, como conhece as músicas e MC's, etc...)**

“Eu não gosto. Infelizmente eu sou obrigada a ouvir, devido aos vizinhos ouvirem muito em suas residências, com volumes altíssimos. Não sei letras e não sei Mcs.”

- **Se você conhece o Baile do DZ7, escreva um pouco sobre ele: (Se você gosta ou não, por que você vai ou não, etc...)**

“Infelizmente conheço, porque ouço falar, meus sobrinhos me contam. Pelo pouco que tenho conhecimento é praticamente uma orgia e muitas drogas, de todos os tipos. Prostituição ao ar livre. O crime é a lei. Vendas de drogas no meio do baile. Muitos jovens e adolescentes vem de outros bairros. São ônibus de fora de São Paulo. Bebidas para menores. As piores coisas acontece lá no baile.”

- **QUESTIONÁRIO 13**

IDADE: 15

GÊNERO: Feminino

- **Você é morador (a) da comunidade de Paraisópolis? SIM**
- **Se não, onde você mora?** _____

- **Você já foi ou frequenta o Baile do DZ7? NÃO**
- **Você tem amigos (as) que frequentam o Baile? SIM**
- **Escreva um pouco sobre sua relação com o funk: (Dicas: diga se você gosta ou não, em que situações você ouve, como conhece as músicas e MC's, etc...)**

“A minha relação com o funk não é muito boa pois não gosto de funk. Como eu moro perto do baile conheço as musicas porque da minha casa consigo ouvir e muitas das vezes acabo perdendo o sono por causa do volume auto.”

- **Se você conhece o Baile do DZ7, escreva um pouco sobre ele: (Se você gosta ou não, por que você vai ou não, etc...)**

“O Baile DZ7 geralmente é muito cheio eu não gosto de funk por isso não frequento sou evangélica e não tenho nada contra a quem escuta, mais não acho uma musica apropriada pois tem umas palavras meias grave na musica.”

• **QUESTIONÁRIO 14**

IDADE: 28

GÊNERO: Feminino

- **Você é morador (a) da comunidade de Paraisópolis? SIM**
- **Se não, onde você mora? _____**
- **Você já foi ou frequenta o Baile do DZ7? NÃO**
- **Você tem amigos (as) que frequentam o Baile? SIM**
- **Escreva um pouco sobre sua relação com o funk: (Dicas: diga se você gosta ou não, em que situações você ouve, como conhece as músicas e MC's, etc...)**

“Não gosto, já fui á uns 8 anos atrás, hoje muita coisa mudou, cada vez mais esculaxado, infelizmente os jovens estão sem limites, não querem ir embora, 10 da manha, meio dia ainda estão lá, infelizmente, e muitos moradores sofrem com isso”

- **Se você conhece o Baile do DZ7, escreva um pouco sobre ele: (Se você gosta ou não, por que você vai ou não, etc...)**

“Não gosto, porque está muito escandalizado, crianças indo na escola na segunda-feira estão vendo jovens transando nos becos e vielas em plena luz do dia, em total efeito de drogas e alcool, lamentável.”

- **QUESTIONÁRIO 15**

IDADE: 16

GÊNERO: Masculino

- **Você é morador (a) da comunidade de Paraisópolis? SIM**
- **Se não, onde você mora? _____**
- **Você já foi ou frequenta o Baile do DZ7? NÃO**
- **Você tem amigos (as) que frequentam o Baile? NÃO**
- **Escreva um pouco sobre sua relação com o funk: (Dicas: diga se você gosta ou não, em que situações você ouve, como conhece as músicas e MC's, etc...)**

“Antigamente o funk era até um tipo de música agradável de se ouvir, mas hoje é desanimador por falar tão mal das mulheres e, mais triste ainda porque tem mulheres que lutam contra isso mas muitas outras estão lá cantando e dançando uma música que fala mal delas mesmas então isso acaba sendo hipócrita na minha opinião.”

- **QUESTIONÁRIO 16**

IDADE: 17

GÊNERO: Feminino

- **Você é morador (a) da comunidade de Paraisópolis? SIM**

- Se não, onde você mora? _____
- Você já foi ou frequenta o Baile do DZ7? NÃO
- Você tem amigos (as) que frequentam o Baile? SIM
- Escreva um pouco sobre sua relação com o funk: (Dicas: diga se você gosta ou não, em que situações você ouve, como conhece as músicas e MC's, etc...)

“Não tenho nada contra, mas também nada a favor! Minhas amigas que escutam e aí que eu fico sabendo da nova tendência do momento kkkkk...”

- Se você conhece o Baile do DZ7, escreva um pouco sobre ele: (Se você gosta ou não, por que você vai ou não, etc...)

“Não frequento e nem acho algo produtivo ir. Não tem nada de bom por lá, só acontece o que não presta. Muita bebida, droga e sexo entre adultos e adolescentes.”

• QUESTIONÁRIO 17

IDADE: 16

GÊNERO: Masculino

- Você é morador (a) da comunidade de Paraisópolis? SIM
- Se não, onde você mora? _____
- Você já foi ou frequenta o Baile do DZ7? NÃO
- Você tem amigos (as) que frequentam o Baile? NÃO
- Escreva um pouco sobre sua relação com o funk: (Dicas: diga se você gosta ou não, em que situações você ouve, como conhece as músicas e MC's, etc...)

“Nenhuma não frequento esse lugar”

- **Se você conhece o Baile do DZ7, escreva um pouco sobre ele: (Se você gosta ou não, por que você vai ou não, etc...)**

“Não, fico mais praticando esportes do que está bebendo e me drogando e depois morrer de uma complicação no fígado, jogar futebol ou rugby ou vôlei ou handebol.”

- **QUESTIONÁRIO 18**

IDADE: 19

GÊNERO: Feminino

- **Você é morador (a) da comunidade de Paraisópolis? SIM**
- **Se não, onde você mora? _____**
- **Você já foi ou frequenta o Baile do DZ7? NÃO**
- **Você tem amigos (as) que frequentam o Baile? SIM**
- **Escreva um pouco sobre sua relação com o funk: (Dicas: diga se você gosta ou não, em que situações você ouve, como conhece as músicas e MC's, etc...)**
- **Se você conhece o Baile do DZ7, escreva um pouco sobre ele: (Se você gosta ou não, por que você vai ou não, etc...)**

“Conheço muito pouco sobre o baile, pois nunca fui. Mas pelo que ouço e pelas notícias que vejo é um baile muito conhecido e muito movimentado, começa sexta e vai até as onze da manhã no dia de sábado, mas a noite começa de novo.

As vezes acaba dando problema como a policia chegando e acabando com o baile.

Geralmente o que se vê, é jovens, alguns indo apenas para se divertir, muitos usam drogas, lá, algumas até pesadas demais, bebem muito arrumam confusão, alguns ficam com pessoas desconhecidas sem saber o risco que correm, como por exemplo pegar uma doença sexualmente transmissíveis, etc

Mas olhando pelo lado bom, o baile é um local onde as pessoas gostam de ir para se distrair, ver amigos etc”

- **QUESTIONÁRIO 19**

IDADE: 18

GÊNERO: Masculino

- **Você é morador (a) da comunidade de Paraisópolis? SIM**
- **Se não, onde você mora? _____**
- **Você já foi ou frequenta o Baile do DZ7? SIM**
- **Você tem amigos (as) que frequentam o Baile? SIM**
- **Escreva um pouco sobre sua relação com o funk: (Dicas: diga se você gosta ou não, em que situações você ouve, como conhece as músicas e MC's, etc...)**

“Gosto porém não muito, as músicas são bem comum no entanto é só do estilo Funk. Músicas rola a todo tempo em vários carros. Músicas (Funk) são bem conhecidas pois toca por toda a comunidade, então convivemos com isso, com esse genero de música”

- **Se você conhece o Baile do DZ7, escreva um pouco sobre ele: (Se você gosta ou não, por que você vai ou não, etc...)**

“Conheço. Bem é muita bagunça, é como se fosse uma bagunça que para que está lá é uma coisa boa, rola muitas drogas pessoas com armas de fogo na mão, muita confusão, é como se fosse um refugio para pessoas sem responsabilidade se sentir feliz, ou seja é onde algumas pessoas vai para se divertir, e outras para bagunçar, usar drogas e etc. ”

- **QUESTIONÁRIO 20**

IDADE: 23

GÊNERO: Feminino

- **Você é morador (a) da comunidade de Paraisópolis? SIM**
- **Se não, onde você mora? _____**
- **Você já foi ou frequenta o Baile do DZ7? SIM**

- **Você tem amigos (as) que frequentam o Baile? SIM**
- **Escreva um pouco sobre sua relação com o funk: (Dicas: diga se você gosta ou não, em que situações você ouve, como conhece as músicas e MC's, etc...)**

“Gosto de funk. Mas não os de putaria, que falam mal da mulher, funk pesado. Funk sem falar mal da mulher, discriminar ou diminuir, e xingar.”

- **Se você conhece o Baile do DZ7, escreva um pouco sobre ele: (Se você gosta ou não, por que você vai ou não, etc...)**

“Não conheço muito. Pois só passei por lá. Mas pelo o que eu sei acontece de tudo lá. Bebidas, drogas, sexo e etc.”

• QUESTIONÁRIO 21

IDADE: 16

GÊNERO: Feminino

- **Você é morador (a) da comunidade de Paraisópolis? NÃO**
- **Se não, onde você mora?** Jardim Ângela
- **Você já foi ou frequenta o Baile do DZ7? NÃO**
- **Você tem amigos (as) que frequentam o Baile? SIM**
- **Escreva um pouco sobre sua relação com o funk: (Dicas: diga se você gosta ou não, em que situações você ouve, como conhece as músicas e MC's, etc...)**

“O funk é um gênero bem presente em todos os lugares. Muitas pessoas ouvem, principalmente jovens, na intenção de se divertir. Eu gosto de funk pelo motivo de transmitir uma espontaneidade, por isso se ouve em festas, durante o dia etc.

As novas músicas são expostas através de mídias (Youtube, Facebook, Instagram), os próprios cantores compartilham suas músicas e os seguidores continuam, transmitindo essa informação.”

- **Se você conhece o Baile do DZ7, escreva um pouco sobre ele: (Se você gosta ou não, por que você vai ou não, etc...)**

“Eu conheço pelas pessoas dizerem ser uma ‘social’ de encontro de pessoas para se divertirem. Eu não gosto de frequentar esse tipo de lugar aberto (na rua) porque é perigoso e há pessoas que consomem drogas, e pode acabar tendo brigas nestes locais.”

- **QUESTIONÁRIO 22**

IDADE: 17

GÊNERO: Feminino

- **Você é morador (a) da comunidade de Paraisópolis? NÃO**
- **Se não, onde você mora? Capão Redondo**
- **Você já foi ou frequenta o Baile do DZ7? NÃO**
- **Você tem amigos (as) que frequentam o Baile? SIM**
- **Escreva um pouco sobre sua relação com o funk: (Dicas: diga se você gosta ou não, em que situações você ouve, como conhece as músicas e MC's, etc...)**

“Eu gosto de Funk, e escuto diversas vezes ao dia. Todos os tipos de funk, pois existe uma ‘separação’ (funk ostentação; funk putaria etc).”

- **QUESTIONÁRIO 23**

IDADE: 17

GÊNERO: Feminino

- **Você é morador (a) da comunidade de Paraisópolis? NÃO**
- **Se não, onde você mora? Capão Redondo**

- **Você já foi ou frequenta o Baile do DZ7? SIM**
- **Você tem amigos (as) que frequentam o Baile? SIM**
- **Escreva um pouco sobre sua relação com o funk: (Dicas: diga se você gosta ou não, em que situações você ouve, como conhece as músicas e MC's, etc...)**

“Eu gosto de funk ouço as vezes em casa mas ouço mais quando vou em festas, gosto de varias musicas conheço muitas.”

- **Se você conhece o Baile do DZ7, escreva um pouco sobre ele: (Se você gosta ou não, por que você vai ou não, etc...)**

“Não gostei, fui porque minhas amigas foram, mas é um lugar com uma energia muito pesada, muita gente drogada, bebida umas meninas quase peladas em cima dos carros dançando, os caras ficam passando a mão não gostei disso mas uma vez fui em um baile que era totalmente diferente.”

Podemos constatar algumas informações e inferir uma breve análise dos questionários. Como são 7 informações ao total (idade, gênero, local de moradia, se já foi ao Baile, se os amigos vão ao Baile, opinião sobre o Funk e sobre o Baile), a combinação entre os dados são múltiplas, por isso como entrada deveremos priorizar o local de moradia por trazer a questão geográfica que nos é relevante, partindo dela para associar com as demais informações.

1. Das 14 pessoas que moram em Paraisópolis, 8 afirmaram não ter ido ou não frequentarem o baile. Entre elas, os questionários **16** e **18**, no entanto, demonstram alguma abertura e apreciação do funk; em relação ao baile, é comum entre eles ressalvas em relação às práticas de consumo de drogas e sexo. Apresentam também, no primeiro caso, uma visão negativa, algo “não produtivo” ou que “não presta”. No outro, transparece um conhecimento do lugar através de amigos e notícias sobre o Baile, e uma suspensão moral, pesando prós e contras das práticas realizadas no DZ7.

2. O restante dos moradores de Paraisópolis que não frequentam o Baile possuem diversas opiniões em relação ao Funk e ao Baile em si, mas observa-se uma crítica negativa constante em ambos os casos. Em relação ao gênero musical, vemos no questionário **15** que a pessoa acha o Funk antigo agradável, enquanto o atual é depreciativo em relação às mulheres, criticando uma suposta postura hipócrita daquelas que vão ao Baile dançar, embaladas por letras que falam mal delas mesmas. No questionário **9**, observamos uma tolerância ao gênero, por estar presente em seu círculo social, quando lhe são apresentados as músicas e artistas. As letras, porém, constituem o fator que a pessoa julga pejorativo. Para as demais, questionários **12, 13, 14 e 17**, nem o Funk nem o Baile são de seus agrados. Vemos que algumas escutam o Funk involuntariamente e a contragosto, devido à proximidade ao Baile ou ao volume alto tocado na comunidade. Nesses casos, o DZ7 representa um distúrbio aos moradores, representado pela concentração de pessoas, barulho, sexo ao ar livre, consumo de drogas, criminalidade. Os valores morais se opõem às práticas no/do baile, como nas expressões “esculachado”, “lamentável”, “as piores coisas acontecem lá”.

3. Para os moradores de Paraisópolis que conhecem ou frequentam o Baile do DZ7, **1, 8, 10, 11, 19, e 20**, a seguinte constatação: todos gostam de Funk, ou convivem de forma positiva com o gênero. Porém, exceto o questionário **1**, que não possui ressalvas em relação ao Funk e gosta de acompanhar as novidades e escuta frequentemente, todas as outras indicam críticas às letras: “falam mal da mulher”, “discriminar”, “xingar”, “nojentos e indecentes”, “palavrões”, “desvaloriza muito a mulher”. Vemos que o gênero é difundido na comunidade, mas são também escutados individualmente ou entre amigos, em bares e carros, em fones de ouvido, na rádio, Youtube, Facebook e Instagram. Já em relação ao Baile, observamos bastantes reclamações ou visões negativas: um lugar com muita bagunça e baderna, confusão, lixo nas ruas, violência entre os frequentadores ou por parte da polícia, armas de fogo, abuso de álcool e drogas, importunação aos moradores, pessoas sem responsabilidade, extrapolação dos limites e muita gente de fora.

4. Entre as 23 pessoas questionadas, 9 não moram em Paraisópolis. Entre elas apenas uma, questionário **2**, a mais velha da amostragem, não conhece nem possui amigos que frequentam o baile. No entanto, demonstra gosto pelo Funk na sua vertente mais “consciente”, apesar de não conhecer muitas músicas ou DJ’s, com letras construtivas que explorem os problemas e dificuldade das comunidades, e não a vulgaridade atribuída a ele. Demonstra também uma abertura para conhecer o Baile do DZ7 em alguma oportunidade.

As demais pessoas também demonstram gostar do gênero em diferentes níveis: 3 pessoas, questionários **21**, **22**, e **23**, todas mulheres, declaram abertamente seu apreço pelo Funk, o hábito de ouvir com frequência, em casa, com amigos, em festas, o reconhecimento das músicas, artistas e vertentes do Funk, o acompanhamento e compartilhamento nas redes sociais. São exaltados também o caráter espontâneo do gênero, sua popularidade entre jovens e sua finalidade para diversão no questionário **21**. As 5 pessoas restantes também afirmam gostar do gênero mas já apresentam questionamentos em relação ao conteúdo das letras: “gosto de funk não pela letra”, “vulgarizam a mulher”, “muito palavrão”, “muita pornografia”, “denigrem a imagem da mulher”. Por outro lado, levantam aspectos positivos, como “descontrair do dia a dia”, “para distrair”, “ritmo musical respeitado”, “gosto pela batida, melodia”. Os espaços para se ouvir e conhecer o Funk são a rádio, no celular, festas, entre amigos e familiares.

Já em relação ao Baile do DZ7, apenas duas conhecem pessoalmente: o questionário **3** demonstra grande conhecimento do baile e uma posição neutra. Destaca o tamanho do Baile como um dos principais da cidade, a diversidade de classes sociais presentes nele, sua localização na favela, o estilo “maloka” e a sua capacidade de reunir toda a Zona Sul. O questionário **23**, apesar de gostar de Funk, não gostou da experiência no Baile: “muita gente drogada”, “energia muito pesada”, “caras passando a mão”, “meninas quase peladas em cima dos carros”. As outras que não foram ao baile, conhecem através de terceiros, amigos que frequentam. Nesses casos, observamos opiniões diversas: cita-se que “de tudo rola”, que “a polícia chega”, “que é muito bom”, “nada contra”, “perigoso”, “para se divertir”, “encontro de pessoas”, “brigas”, “é longe”, “baile funk não é meu lugar preferido”.

5. No geral, podemos inferir que não é tão evidente a associação direta entre o gosto pelo Funk e pelo Baile do DZ7. Pelo contrário, poucas pessoas demonstraram gostar do baile, mesmo entre as pessoas que gostam de Funk. Podemos também afirmar que as críticas mais incisivas, tanto ao Funk quanto ao Baile vem dos moradores de Paraisópolis, ainda que alguns questionários demonstrem que isso não é uma necessariamente uma regra. Em relação ao gênero, também fica claro uma fraca correlação com o gosto pelo Funk ou pelo Baile. Vimos que críticas a ambos partem de homens e mulheres, ao mesmo tempo que o apreço pelo gênero ou pelo baile também não possui um perfil claro. Finalmente, podemos dizer que quase a totalidade dos questionados conhecem o baile ao menos por meio de amigos, familiares ou notícias, e possuem opiniões a cerca desse lugar. Podemos dividir as principais práticas do baile citadas pelas pessoas em duas categorias. As negativas, representando a

maioria, estão principalmente o abuso de álcool e drogas, violência e sexo explícito. Os aspectos positivos, em menor número, estão representados pela diversão, distração, encontro de amigos e comunidade.

3. 3 Relatos de Campo

Neste subcapítulo estarão dispostos relatos de campo feitos por mim e por meu colega que me acompanhou e um dos trabalhos realizados, o baile que ocorreu no dia 8 de Dezembro de 2017. Neles, estão contidos não só nossas impressões e experiências pessoais deste dia, mas também nossas visões sobre o tema como um todo, buscando indicar elementos de nossos percursos de vida que nos levaram a ter os sentimentos que tivemos e as reflexões derivadas destes.

- **RELATO 1 – Do autor**

Breve autoetnogeografia musical

Percebo que comecei a me aproximar do Funk a partir da música eletrônica, que por sua vez foi um gosto que adquiri com mais intensidade durante os anos em que morei em São Paulo. Em retrospecto, verifico ao longo da minha curta vida a associação direta entre minha relação com a música e meu ser no mundo, os lugares que habitei. E tão importante quanto, as pessoas com as quais compartilhei esses lugares. No princípio, sua casa e família são as entradas para as primeiras interações musicais, o que me faz pensar como esse primeiro fator é o mais crucial, inclusive no desenvolvimento da vida humana no geral. No meu caso, pais com bastante conhecimento e apreço por música, alguns amigos de escola e de rua, irmãos. Ao final do meu período de vida em Paranaguá, no Paraná, havia adquirido gostos por Rock e MPB basicamente, enquanto iniciava-se uma maior acessibilidade à Internet na época, quando baixei minhas primeiras músicas. Em relação ao Funk, conhecia os mais famosos, aqueles difundidos nas principais mídias, eventualmente tocando em casa com um CD do Furacão 2000 da minha irmã e em algumas festinhas de crianças/pré-adolescentes. Bonde do Tigrão, MC Serginho, “Atoladinha”, “Um tapinha não dói”, “Dança da motinha”, “Rap do fusquinha”, “Jonathan da nova geração”.

Na adolescência, morando apenas com os irmãos em Curitiba, foi quando ocorreu um grande aumento de qualidade na Internet, tanto em relação à acessibilidade quanto à

diversidade de conteúdo, que começou a crescer exponencialmente. Essa foi, e ainda tem sido, a principal via de informação musical, quando conheci mais dos meus gêneros “de formação”, além de outros menos ou nada conhecidos ainda, como Jazz, Blues, Samba, Música Eletrônica, Folk e outros. O apelo da música estrangeira é grande, bem como uma certa distância da cultura de massa de minha parte. Contaram com mais força também a influência de amigos. Foi quando também ‘comecei a desenvolver outras práticas musicais, aprendendo violão e bateria, tocando com amigos e sozinho. É também a idade onde começa-se a sair, ir a lugares para ouvir música ao vivo. Shows, baladas, festas serão lugares para experienciar a música. Novamente, percebo a dimensão geográfica, entre outras, como determinantes na relação com esses lugares, dialeticamente. Por um lado pela proximidade física a estes locais, como uma moradia em localização central de fácil acesso em uma metrópole do Sul do Brasil, que possui uma considerável magnitude populacional e práticas culturais. Do outro, a interação subjetiva com o espaço pela experiência desses lugares, conformando em algum nível minha identidade e minha visão de mundo.

Assim chego em São Paulo no início da vida adulta, com um pouco mais de vivência, tendo morado 1 ano na Bélgica entre os 17 e 18 anos, experiência que possibilitou, em termos musicais, acesso a um universo até então desconhecido. Há um grande salto qualitativo e quantitativo na relação com o meio. São Paulo possui uma escala gigantesca, uma infinidade de acontecimentos, vida urbana intensa. O contato com mais pessoas, de realidades diferentes aumentou. Em meus círculos sociais, na faculdade, o Funk já circulava com mais frequência, acompanhado de uma explosão do gênero em São Paulo. Conheço nomes como MC Daleste, MC Guimê, MC Bin Laden. Outros fatores locais que, a meu ver, me impulsionaram posteriormente ao Funk foram os eventos de rua e as festas de música eletrônica da cidade. A Virada Cultural, por exemplo, ofereceu uma diversidade de atrações em diversos pontos da cidade, mas principalmente no centro e nos espaços públicos, de diversos gêneros e estilos de música e de festa. Para mim, o interesse por música, por festa e pelos lugares, ainda mais aflorado pelos estudos em Geografia, fez com que eu me identificasse neles. Concomitantemente, a experiência em festas de música eletrônica, em lugares públicos ou privados, permitiu intensificar o interesse pela dança, a diversão noturna, consumo de drogas e bebidas, o flerte em algum nível, característica comum, mas não universal, entre aqueles que frequentam esses lugares. Sinto que isso proporciona uma experiência de lugar que é a da suspensão, ao menos temporária ou em certo nível, da relação constante, incessante, com a realidade, ou uma deturpação do tempo e do espaço. As motivações individuais são únicas e refletem as condições do meio, mas parecem também possuir padrões de comportamento, que

se estendem para outros tipos de festas, eventos, rituais, com outros gêneros e formas musicais, em diferentes lugares e tempos, o que me leva a considerar também um fator pré-cultural nessas atividades, uma característica humana.

Foi durante o período de um semestre na França durante a faculdade que a ideia de estudar a geografia por meio da música ocorreu-me. Um distanciamento geográfico dessa escala, nesse período de minha vida, e as circunstâncias vividas, propiciaram grandes reflexões sobre cultura, ao mesmo tempo que uma revalorização dos aspectos culturais que encarno, que são expressões de minha identidade e respondem ao meio em que vivo. O lugar Brasil parece ter uma dimensão menor por parecer tão longe, e o sentimento de ser estrangeiro, estranho a um lugar, parece aumentar o sentimento de pertencimento ao seu lugar de origem. Por acaso, fui confrontado em uma das aulas no estrangeiro com a famosa foto de Paraisópolis e os condomínios vizinhos, início de um debate sobre território, do qual fui chamado a falar; não sabia ainda que viria a ser um local que começaria a frequentar no ano seguinte, em minha formação profissional, como professor voluntário no Cursinho Popular Emancipa. Desde então, reaproximei-me da cultura musical de massa lentamente com o Funk, desfrutando aos poucos dos elementos de sua sonoridade como o timbre eletrônico, o ritmo dançante, marcado, minimalista, notas graves. Creio ter sido esse o caminho que preparou minha aproximação com o Baile do DZ7 como uma possibilidade de estudo da geografia e também de experiência de vida.

- **RELATO 2 – Do autor**

Conhecendo a rua do Baile

Este primeiro relato corresponde a um reconhecimento do local onde ocorre o Baile do DZ7 durante o período da manhã, por volta das 10 h. A chegada em Paraisópolis pela Avenida Hebe Camargo, desde que comecei a frequentar a região, esteve sempre me chamando a atenção pela dimensão da comunidade. A vertente do relevo virada para a avenida dá a impressão de um paredão de casas em formas retangulares das cores laranja, cinza e marrom, um verdadeiro labirinto. Saindo da aula no cursinho localizado no CEU Paraisópolis, adentro a comunidade pela Rua Pasquale Gallupi. As ruas são estreitas, cheias de vielas e travessas, fachadas muito similares das construções, que podem confundir facilmente alguém de fora. Poucos metros dentro da comunidade para perceber o intenso fluxo de pessoas, logo cedo em uma manhã de Sábado. O objetivo é chegar à Rua Herbert Spencer, onde ocorreria o Baile

Funk no mesmo dia à noite. Paro por uns instantes na calçada para observar o movimento: comerciantes em movimento, moradores descansando, transeuntes, carros e motos estacionados e em movimentos, cachorros e gatos soltos, crianças, jovens e idosos compondo uma cena de convívio social onde sou mais um no cenário. Retomo a subida da rua, observando todos esses elementos, ao mesmo tempo em que me atento para as ruas que cruzava, esperando chegar à Herbert Spencer, transversal à Rua Pasquale Gallup. O arruamento no centro da comunidade é retilíneo e mais intuitivo, enquanto as bordas da favela são mais “meândricas” e irregulares.

Finalmente percebo que cheguei à dita rua e viro à direita, deparando-me com uma feira que ocorria ali mesmo. Aqui o fluxo realmente torna-se intenso nas ruas já estreitas da comunidade. Movimentos e sons típicos de feira sobressaem-se na paisagem, atijando meu olhar para os produtos, os vendedores e compradores. Interesse-me por uma banquinha de relógios, onde avisto um modelo que usava quando mais jovem. Sigo acompanhando a Rua da Feira, que é também a Rua do Baile. Muitos comércios presentes nesta rua, além das casas dos moradores, que imagino serem muitas vezes na mesma construção. A feira estende-se até o fim da quadra antes do asfalto da Avenida Hebe Camargo, por onde saio do bloco maciço e mais denso de Paraisópolis. De fato, entrar e sair na comunidade é como passar de um mundo ao outro, principalmente pelo efeito que a paisagem causa, suas feições são bastantes distintas de seu entorno, e uma vez dentro, o horizonte de visão restringe-se radicalmente. Os edifícios são todos praticamente contíguos, não se vê muito além de poucos metros no horizonte em certos locais. A perspectiva oposta, de fora da comunidade, parece seguir o mesmo princípio: é difícil visualizar todo o fluxo existente nos arruamentos. Penso que este aspecto visual, somado às mais diversas notícias vinculadas às favelas e todos os preconceitos existentes sejam fatores que causem temor nas pessoas, incluindo eu mesmo, que não possuem uma vivência em comunidades, o medo do desconhecido. Os contrastes socioeconômicos no mesmo bairro estão explícitos na paisagem constantemente. Recordo-me que já estive uma vez do outro lado, em certa ocasião há muitos anos, em um condomínio de alto padrão vizinho à Paraisópolis e lembro-me bem do choque visual que tive, quando ainda adolescente. Quase não há pessoas nas ruas do entorno, no Bairro do Morumbi. A presença de vegetação torna-se frondosa. Imensas propriedades cercadas por enormes muros são constantes, assim como as altas torres de condomínios. Reitero: Paraisópolis parece um mundo à parte principalmente pelo aspecto visual, um microcosmo, mas sabe-se que nada está mais conectado com o mundo à sua volta do que aquela comunidade.

- **RELATO 3 – Do autor**

Conhecendo o Baile

Tomamos dois ônibus para chegar ao baile, um partindo do Butantã até o eixo da Avenida Faria Lima para em seguida embarcarmos no 647A-10 em direção à Paraisópolis, quando já percebi a presença de jovens que poderiam estar indo ao baile. Confirmou-se quando descemos junto com eles e outros na Av. Giovanni Gronchi, sentido Zona Sul, na altura da favela. Já se ouvia o som dos bares, das jukebox e de carros, em um boteco na mesma avenida, onde fizemos uma parada. Não era funk, e sim ritmos como arrocha, brega. Pessoas mais velhas que eu, por algumas décadas. Sinuca e churrasquinho, um sábado a noite. Não é um ambiente completamente estranho, me recordo de momentos assim em minha vida, em botecos como aquele, de bem-estar, diversão, bebidas.

Seguimos para a vertente do vale, descendo em direção ao cruzamento das ruas Ernest Renan e Herbert Spencer, indo um pouco pela intuição, o fluxo das pessoas e o barulho mas também conferindo no celular, uma ou duas vezes. Não demorou-se muito para o fluxo aumentar e as estreitas ruas ficarem repletas de pessoas. Muitas. O ritmo é insano e a quantidade de pessoas me impressiona. À medida que fomos cada vez mais perto do cruzamento o trânsito de pessoas congestionava, como num carnaval de rua. Impossível não encostar nos outros jovens que passam em todos os sentidos. Vem em mente também a Virada Cultural, no centro de São Paulo, pela quantidade de pessoas e pela ocupação das ruas, bebidas, drogas. O que é diferente? Foi algo que foi se mostrando ao longo da noite. Percebemos que eram muitos os carros com sistema de som, e também os paredões. Entramos em uma rua onde havia um desses, a poucos metros da esquina, criando a impressão de uma sala, um pequeno baile dentro do baile. Os sons são bastante altos, de modo que quando perto de um sistema de som não se ouve outro, ainda que bastante próximos, poucos metros. Gostei daquele microambiente e particularmente do som. O funk tem algo de uma carga pesada. Do que ouvi nesse momento, eram batidas minimalistas, um ritmo constante e hipnótico, e os graves se sobressaem bastante. Apesar disso a dança não me pareceu ser muito praticada, ali e no baile todo no geral.

Os homens são bastante contidos em média e certamente foi algo que me chamou a atenção. Os rostos são mais sérios. Bonés e óculos. Moletoms e tênis. Cyclone, Lacoste, Oakley, Adidas, Nike, Tommy, Calvin Klein. Cabelo na régua, corte “disfarce”. Estilo chave, moleque chavoso. Esse termo, que vem da expressão “chave de cadeia”, me faz pensar que as

roupas, e as posturas, atitudes, assumem um papel importante na identidade dos jovens. Posso arriscar que uma ínfima minoria ali era de fato “chave de cadeia”, mas o estilo se espalha, multiplica-se. Muito interessante observar esses padrões de estilo, que reconhecemos também em outros lugares ou situações, bastante popular na cidade. São Paulo realmente é grande e também suas quebradas, Paraisópolis uma delas. Os homens são jovens, assim como eu, 25 anos, mas muitos são ainda mais jovens, até mesmo adolescentes e crianças. E de fato, eu e meu amigo éramos mais dois na multidão.



Figura 6. André e Jonas no meio da multidão do Baile do DZ7. FOTO: Do autor.

Antes de ir ao baile, ouvi que fosse parecer um estranho no ambiente, e que isso pudesse ser notado. Mas a medida que fui entrando em contato com o baile através da internet e outras mídias, percebi que isso é até impraticável, devido à enorme multidão. Ainda assim havia um misto de receio com insegurança, um lugar desconhecido, onde sabe-se que atua o PCC, por exemplo. Há certamente um imaginário da favela para quem não vem dela, como eu, como um lugar de maior atuação da criminalidade, principalmente do tráfico de drogas, bastante veiculado nas mídias. Ao longo da pesquisa, fui acompanhando notícias que se referiam ao baile ou à Paraisópolis. Algumas em programas policiais televisivos, portais de jornais, outras em registros de perfis nas redes sociais do próprio baile, dizendo que estava “miado” por conta da presença da polícia. A chegada da polícia e dispersão do baile é e foi bastante comum nesse meio tempo.

Ao andarmos por uma rua para fazer uma parada em um bar, fomos abordados por um jovem, adolescente, nos perguntando se queríamos algo da “lojinha”, numa aproximação respeitosa. Recusamos e seguimos caminho, comentando sobre o assunto, a venda de drogas. O consumo de drogas no entanto, apesar de explícito, não me pareceu tão abusivo quanto imaginava, ao menos aos meus olhos. Maconha e lança-perfume, principalmente este último,

eram as drogas que mais via serem consumidas, assim como novamente, vê-se nas Viradas Culturais. Uma rodinha de garotos de aproximadamente 10, 11 anos, no entanto, consumindo essas drogas em um momento de baile chamou bastante minha atenção, pelo dano psicológico e fisiológico que essa experiência, neste local, deve trazer a eles. Pode-se dizer que o comércio lícito, principalmente de bebidas, é enorme. Muitos estabelecimentos abertos em plena madrugada, assim como incontáveis ambulantes nas ruas com seus carrinhos de bebidas, alguns acompanhados de um equipamento de som, regavam a festa. Uísque e Red Bull com gelo de coco parece ser um drink clássico nesse e em outros bailes funk. Em um dos bares abertos, paramos para ir ao banheiro e pegar uma bebida. Em uma conversa rápida com o dono do estabelecimento ele me pergunta se já tinha vindo aqui antes. Pressupus que ele tenha percebido de fato que estávamos visitando o baile, como havia ponderado anteriormente se isso seria possível de ser notado. Prontamente ele me assegura que ali era tranquilo e não precisava me preocupar. Também disse que morava há 18 anos na comunidade, mas tinha aberto o bar havia apenas 1 ano. Aparentemente, essa parece uma opção de rentabilidade para muitos ali, e sua hospitalidade demonstrou um desejo em dar segurança a seus clientes, no caso para aqueles que vem de fora.

O cruzamento das ruas Ernest Renan e Herbert Spencer é o núcleo do baile, o local de maior aglomeração. Pelas nossas andanças, a concentração de pessoas tomava mais ou menos o comprimento de quatro a cinco quadras, nos dois sentidos ortogonais. Na chegada e saída vimos, no entanto, que a favela está bastante ativa e o fluxo de pessoas é alto, mesmo longe do centro. As motos me chamaram a atenção, elas circulam incessantemente entre as pessoas, são inúmeras e barulhentas. Outro fato curioso é a presença de guarda-chuvas na multidão. Alguns, claro, são guarda-sóis indicando uma vendinha de bebidas mas outros eram apenas usados, a meu ver, pela zueira, já que não chovia. Eram movimentados junto com o ritmo da música, ou girados de um lado para outro, guarda-chuvas também de marca, Lacoste e Oakley por exemplo. Os bares abertos da favela, mais afastados do fluxo, davam uma sensação mais tranquila. Ouvia-se neles outros estilos, como o brega e forró, em alguns carros estacionados também mais distantes do baile, o RAP. Porém, a conversa com as pessoas do baile foi reduzida e diria até tímida de minha parte. Eu e meu amigo conseguimos uma aproximação com alguns grupos de jovens que mostraram-se abertos para conversar. Sabia que deveria buscar entender o motivo de eles virem para esse lugar e nos foi dito que a diversão era o porquê, distrair-se da vida. Eles pareciam alegres e cumprindo com a ideia de se soltar, se desprender da vida dura cotidiana. Um deles confia a meu amigo seus planos de vida e de trabalho. Ele havia saído da Zona Norte da Capital para o baile naquela noite. Seus amigos

concordam com a ideia de que o baile é para curtir, zoar, encontrar pessoas. Uma outra breve conversa ocorre entre meu amigo e duas transsexuais no meio da muvuca, onde elas afirmam que a música é o principal motivo de ir ao baile, sem muito mais informações além disso.

Quase 4 horas decorridas no baile, decidimos que a experiência já havia sido suficiente e resolvemos ir embora. No meio da madrugada o baile não dava ares de que terminaria logo. Ao olhar para trás, descendo a rua Ernest Renan sentido Norte, é possível ver o baile acontecendo de um ângulo oblíquo, com as ruas amarrotadas de gente querendo se divertir. As sensações ao final da noite são muitas: observar as casas tão próximas ao baile me faz pensar como os moradores lidam com esse evento, que se repete ao menos 3 vezes na semana. Fico feliz ao ter finalmente conhecido o baile pessoalmente e me sentir muito mais seguro e integrado naquele lugar do que imaginaria. Recordo-me de um relato de um amigo que foi em um baile na Zona Leste onde o clima, segundo ele, era muito mais tenso e a violência parecia bem mais iminente, onde ele mesmo viu armas de fogo sendo exibidas, um táxi roubado e tombado em pleno baile, uma euforia maior nas pessoas, sentindo-se bastante vulnerável em uma quebrada distante. Não foi nosso caso. Penso novamente no peso das organizações criminosas e da polícia na configuração destes lugares, de que maneira a fama do baile e sua localização em Paraisópolis podem definir o “clima” da festa ou os seus participantes. Foi uma noite em que não senti risco iminente de violência, o que se poderia esperar em bailes funks, frequentemente associados a criminalidade mas também à violência policial, ambas constituindo uma ameaça aos frequentadores. Brigas também não foram avistadas por mim. A questão sexual também vem em mente, por confrontar o que eu ouvia nas músicas de funk e sobre os bailes em si com a minha experiência pessoal em um deles. A impressão era de que o sexo poderia ser mais explícito, mas isso não se demonstrou para mim, ao menos nessa única noite, nesse baile. Mas a tensão sexual entre as pessoas certamente existe pois é comum ao ambiente, algo que se deseja daquele/naquele lugar, e isto é demonstrado pelos frequentadores e igualmente nas músicas. Finalmente penso sobre a experiência em outros bailes, como eles podem variar e em que se assemelham. O Baile do DZ7 é um evento na cidade, um rolê, uma festa, de grande magnitude em São Paulo, fazendo dele algo bastante importante na vida de milhares de pessoas, cada a um a sua maneira.

- **RELATO 4 – André Rodrigues, 38 anos, psicólogo**

Finalmente adentrei a Favela de Paraisópolis

O Funk tem sido um dos estilos que mais me intrigam, não somente pelo ritmo, mas principalmente pelo que me ocorre atualmente ao simplesmente escutar este termo. É automático, ora me ocorre que é um estilo com uma história, que provavelmente está relacionada ao movimento ou cultura negra. Não estou certo, nunca fui buscar uma referência precisa acerca deste estilo/ritmo/movimento cultural. Porém, isto não impede que dele eu pense que saiba um tanto, e talvez até saiba mesmo, mas certamente sei pouco e muito mal.

Funk, além dessa suposta relação com a história do movimento negro, conecta-se às periferias, à adolescência e ao RAP. Em minha adolescência dancei um certo tipo de Funk, lembro do Furacão 2000 - que em minha memória vagamente tem a ver com o FUNK - que pra mim era um tipo de Funk carioca. Não me recordo das letras, mas o que guardo em minha memória afetiva e corporal conecta-se a alguma referência presente nas letras, que traziam imagens e questões relacionadas às periferias, assim como o RAP, que nessa época eu também já conhecia. Eu me identificava com pedaços das músicas, pelo que eu me lembro, já que nunca fora de prestar muito a atenção nas letras, mesmo que as reproduzisse cantando. Aí jaz uma questão interessante: assim como outros ritmos e outras músicas, o Funk para mim sempre tivera, e ainda tem, uma força que me toca e me toma não necessariamente através de suas letras, mas da sua sonoridade, da sua “batida”. [...] as imagens atuais mais claras dessa referência à adolescência são fortemente atravessadas por outras. Há tempos tenho interesse em conhecer os Bailes Funks, mas deles, além da dimensão que sempre me interessou - qual seja, a dança e a batida - as referências ao funk me remetem à sexualidade, mas não qualquer sexualidade. Funk me remete também à imagem distribuída e compartilhada por todas as mídias e pessoas de que é um ritmo e um movimento cultural - há controvérsias entre alguns acerca disso - que na atualidade expressa talvez o que muitos diriam ser o ápice da banalidade do sexo. [...] Sempre escutei avaliações predominantemente negativas em relação ao funk na atualidade, em todos os espaços e principalmente no ambiente familiar. Tenho familiares adolescentes que mobilizaram e mobilizam muitos afetos na família por conta de “se jogarem” no funk. Um desses afetos geralmente predomina: o medo, principalmente quando se trata de uma menina adolescente.

No caso das mulheres a preocupação sempre fora dela se perder em termos da sexualidade, e ser vista como “qualquer uma”, ou mesmo embarrigar. Quanto aos homens, a

preocupação é mais relacionada ao uso de drogas e à violência física que possam sofrer, ou mesmo tornarem-se protagonistas. [...] Tais imagens ou atravessamentos acerca do funk, para mim, parecem ter se tornado uma espécie de cortina, ou melhor, uma barreira para se relacionar com ele. Aliás, não me recordo de me conectar a algo relacionado ao funk sem que estas questões fossem ativadas em mim, junto a isso, retomo àquela linha que tece a imagem de submissão das mulheres e, em algumas letras, à violência [...].

Mas o que há no funk de hoje, que em mim parece criar atração, receio e não raramente, medo de me aproximar? Certamente existe distância em relação ao funk da minha adolescência e o de hoje, e também não há somente proximidade em relação ao RAP, mas se algo nele me instiga e intriga, assim como o RAP o fizera há décadas, não me parece algo a ser ignorado.

Quando retomo algumas paisagens da minha memória, lembro que nos eventos de RAP que eu frequentei havia algo muito próximo ao que percebo no funk hoje: uma sensualidade nos corpos que nele se jogavam a dançar, algo não exclusivo dos corpos femininos. Sempre gostei de dançar, tenho imagens dos primeiros anos de vida que me recordo e me são lembradas pelos familiares. Tanto o funk quanto o RAP me remetem à dança. Ambos também são espaços de expressão de uma virilidade.

Num campo mais coletivo, Funk, o Hip-hop e RAP produzem em mim uma relação de pertencimento a uma comunidade, apoiada numa certa identificação: os corpos que ali se instalam e com eles se embalam poderiam facilmente ser o meu: um corpo negro, periférico e favelado. Suas letras, facilmente reconhecidas, quando não, rapidamente assimiláveis ao simples olhar do entorno em que habito - ou habitei, e que ainda habita em mim. Há uma montagem e uma desmontagem de territórios existenciais que essas expressões produziram e, neste dia que experienciei o Baile, estou certo que ainda produzem em mim. Tanto o Funk quanto o RAP parecer tecer uma certa identidade, que no meu caso fica claro que essa identidade está relacionada aos territórios periféricos. Mas há outra coisa, muito forte neles: há também um certo “levantar de olhos e de cabeça”. Estes movimentos parecem produzir confiança no que se é, mais ainda, a partir do que se é, simplesmente.

Há neles também um entendimento, ou pelo menos um espaço estético e com uma ética específica que me ajuda a entender o que e quem eu sou, não pela falta, não a partir de uma referência distante, mas a partir de uma materialidade que sou. Lembro que na minha relação com o RAP isso não fora pouco. O hip-hop gradualmente me ajudou a desocupar uma relação de desvalor com meu corpo negro/periférico, ajudou a modificar minha percepção acerca de mim, dos outros e dos territórios periféricos.

Junto a isso, o Rap ainda me levava a ter claro que não deveria sucumbir a nada que tirasse isso de mim, isso que antes do movimento eu nem reconhecia que tinha, ou quando reconhecia não era algo que em mim ocupava lugar de valor, mas de desvalor, era algo a ser escondido, negado. O RAP tirou de mim imagens negativas e preconceituosas acerca da minha existência e daqueles com os quais me identificava. Mudou o modo como eu me percebia e como eu percebia aqueles que eram meus iguais, a começar pelos de “pele preta”, mas também de todos os corpos periféricos.

Há duas forças - para dizer de modo mais genérico e menos colado neste ou naquele autor, que hoje, após tocar minhas memórias e ser tocado por elas no processo de escrita deste relato, que penso ser muito importantes: a agressividade e a sexual/libidinal.

Ao refazer minha memória recente do baile e das experiências com o RAP são essas forças que revisito. Tenho para mim que a agressividade não necessariamente está desconectada de uma dimensão sexual, porém, uma distinção parece ser importante. A agressividade está presente no RAP e também no funk, de maneira visceral eu diria. Isto aparece na força das batidas, do canto e também em muitas de suas letras. Há gestos que parecem expressar claramente essa força agindo, pedindo e ganhando passagem. Seria preciso ressaltar que não me refiro à agressividade no sentido bom ou mal, afinal, não creio que cair em tais dicotomias, quase sempre morais, ajudem a nos aproximarmos dele.

Um convite: excitações e medos

O convite para ir a um baile funk chegou em mim disparando interesse e receio, mais o primeiro que o segundo. Ao longo do tempo, ao pensar na possibilidade do convite se concretizar confesso que o receio fora aumentando. Percebi fortemente em mim a presença do afeto de medo. Imagens de todos os tipos me ocuparam, e até nisso o RAP estava presente: lembrava de letras que diziam de morte, de brigas, do tráfico... Mas não eram apenas imagens das músicas, experienciei muitas coisas na periferia: vi muitos corpos jogados no chão, muitos, não me recordo quantos, mas não foram poucos.

Em minha adolescência, sair a noite era um misto de excitação pelo novo, desconhecido e perigoso, mas também o contato com o medo do desconhecido e do conhecido, qual seja: a violência urbana. Favela e funk, além de locais existenciais que me produziram e me habitam foram se tornando cada vez mais locais que, principalmente pelo tráfico, dispararam medo em mim. Já fui assaltado, tive arma apontada para mim através do vidro de um carro, já fui abordado e ameaçado pelos “soldados”, entre eles crianças - sim, nem

adolescentes eram. O medo também era acompanhado pela percepção de que eu era e não era mais um corpo periférico, habito vários outros espaços, meu corpo emite outros signos - talvez minha fantasia, mas real - e também não tenho mais um corpo adolescente ou de um jovem no início da segunda década de existência. Este conjunto, a mim, seriam elementos a compor meu medo.

Acredito que o afeto alegre tece nossa confiança em si e no mundo, e isto parece ter se dado. O convite fora feito por um amigo que tenho entre as pessoas que mais admiro, uma das quais mais tenho estima. Creio que foi justamente este afeto que conseguiu fazer a ponte entre meu medo, recheado pelas memórias de corpos mortos e pelas concepções negativas do funk, e um desejo que sempre esteve em mim por estes mundos que atravessam o funk.

Chegamos em Paraisópolis já após a meia-noite. Paramos num boteco. Homens, mulheres, música brega, balconista legal, e sério, como muitos ali pareciam expressar à nossa entrada. O bar e o banheiro me remeteram à favela da minha infância, e à minha mãe, que sempre estivera nestes locais entre bebidas e homens. [...] Entrar nas primeiras ruas reativou em mim alguns receios: “Seríamos parados pelo tráfico? Seríamos assaltados?”, pensei. [...] Já na segunda quadra, ainda com alguns receios, fui me sentindo num lugar conhecido: favela. As favelas em mim, ali, local diferente e igual aos que eu já passara, foram ativadas, com uma diferença importante: muita gente nas ruas, sobretudo adolescentes, após às 00h, isto chamou-me a atenção. Chegamos sem muita dificuldade no local do baile, seguimos os jovens e a batida [...].

Ao entrarmos nas ruas/quadras que compunham o baile uma constatação: quase tudo daquilo me era estranho. Além de corpos adolescentes, bebidas, drogas que nem eram tão notáveis a quem não quisesse perceber - e carros com som, várias paisagens teciam aquele local. O baile era nas ruas, não numa praça como pensei. Andar nas ruas cheias de pessoas e de carros com bebidas e alimentos era estar no baile.

Nas calçadas, jovens, muitos jovens. Alguns, principalmente os homens, olhavam a tudo e a todos com o olhar firme, sério, uma certa demarcação de território - seria este território a própria corporeidade/subjetividade?, pensei. Penso que em sua grande maioria os presentes tinham entre 15 e 25 anos, mas havia pessoas com menos e também com mais. O número de mulheres e de homens eram semelhantes, parece-me, mas neste quesito algo me saltou: as mulheres, independente da idade, inclusive as mais novas com seus 13, 14 anos, chamavam bastante a atenção pela beleza, sensualidade e sim, pelos seus corpos, não há como passar indiferente a elas. Os jovens, cada qual com sua beleza, chamaram minha atenção pela sua seriedade, seus olhares e corpos emitindo força e impondo respeito.

Havia tantas bebidas quanto locais para vendê-las, desde carros, barraquinhas e muitos bares e lanchonetes, o que aliás me deixou claro que a movimentação financeira de uma noite ali não é nada pequena. [...]

Tímido no início, fui aos poucos me deixando levar pelo fluxo, fui sentindo confiança. Aos poucos fui reativando e encontrando o motivo maior de eu estar ali: a batida. [...] aos poucos, após beber mais um pouco, fui dançando e o fluxo me percorrendo. Penso que nesta primeira vez não consegui me soltar como gosto, mas dancei, e foi ótimo.

Após um pouco mais de uma hora ali o local encheu bastante, e isto parece criar uma proteção, não me sentia mais um estranho ali, mas alguém que compunha de acordo com tudo, recordar isto ao escrever foi interessante, aliás.

Num certo momento [...] fiquei querendo [...] perguntar pros adolescentes: “ Mas afinal, o que te traz aqui?”. Fiquei um tempo com isso. Fui observando as pessoas potenciais para responder. Tinha preocupação em incomodá-las ou soar inadequado. Eis que vejo um grupo de jovens, três garotas e três garotos, que tinham entre 16 e 19 anos, penso. Retomo com o Jonas quais questões ele queria fazer as pessoas dali e que desejo perguntar àqueles adolescentes. [...]

Os meninos relataram que ali estavam por conta das mulheres, e também da música, mas destacaram o interesse maior pelas mulheres. Já as meninas não falaram dos garotos, diziam que o motivo de estarem ali se relacionava à música. Uma delas falou com bastante convicção no olhar: “estou aqui para esquecer dos problemas, para me distrair”. Fez também uma breve crítica, após dizer que nem sempre ia ali. Segundo ela, muitos dos jovens iam lá por conta das drogas e da bebida. Destacou ainda que as músicas a interessavam muito.

Dos quatro jovens um me deu maior atenção, pareceu muito interessado em conversar conosco. Foi contando das meninas, mas ressaltou que “dá um trampo durante a semana e que no fim de semana precisava se divertir”. Fez questão de dizer que é um jovem responsável e que tem sonhos, gostaria de cursar faculdade, mas não parecia confiar muito que conseguiria, dizendo que primeiramente faria um curso técnico, não via muita possibilidade em conciliar trabalho e faculdade. [...] Aos poucos fomos nos despedindo dos jovens, alegres. Pouco tempo depois, dois travestis me chamaram a atenção, queria perguntar para eles, minoria ali, o que os levava ao funk. Conversei com apenas um deles, que me disse categoricamente: “é a música”. Após estes contatos acabamos não conversando mais com outros jovens, ficamos mais um tempo por ali até que fomos embora.

[...]

Termino este relato ainda com a imagem daqueles adolescentes. Não me é possível esquecer do adolescente em mim, que encontrara na música um modo de se encontrar, se construir e se afirmar. Há não muito tempo, adolescentes como aqueles foram os expoentes mais fortes e mais importantes na luta pela educação em São Paulo. Olhar aqueles jovens, estar entre eles e sentir a força deles me remeteu as manifestações dos jovens do Ensino Médio. Jovens periféricos, boa parte deles negros que, ao contrário da grande maioria dos adultos, enfrentou e se expôs à violência da polícia e do Estado, reivindicando uma educação de qualidade. Termino este relato com a certeza de que olhar tais jovens sob a perspectiva da impotência, menos que a da força de questionamento; olhar o funk como algo que só jovens “perdidos” de algum modo se conectam, é, no mínimo, um modo de negar a força desses jovens e do funk.

3.4 Espaço Virtual

A incursão nos espaços cibernéticos constitui uma parte importante na investigação do Baile do DZ7. Apesar desses espaços não corresponderem ao espaço físico *de facto* onde ocorre o baile, eles são veículos importantes na difusão de significantes atribuídos ao baile, compartilhamento de experiências, comunicação entre os que frequentam ou conhecem o baile através das páginas, atualizações em tempo real do baile através de vídeos e fotos. Os principais domínios investigados são dois perfis sociais no Facebook, o BAILE Do DZ7 ‘Paraisópolis’, acessível pelo domínio <www.facebook.com/BaileDoDZ7Oficial> e o perfil do Instagram @bailedo17_official. Somando os seguidores de ambas, o número ultrapassa 350 mil usuários.

Podemos destacar alguns aspectos nestes espaços que nos ajudam a entender melhor o fenômeno do Baile do DZ7. O primeiro nos dá uma dimensão do alcance geográfico que o baile possui entre os usuários da rede. A partir de avaliações, comentários e análise dos perfis dos usuários na página do Facebook, é possível observar diferentes escalas de distâncias em relação ao local do baile, incluindo pessoas que apenas seguem as publicações dos administradores da página ou, por outro lado, que manifestam suas experiências e avaliações do lugar. No exemplo da figura 3, observamos casos de pessoas que estiveram no local saindo de outras cidades, e até mesmo de fora do Estado de São Paulo. Durante a pesquisa, foi observada a organização de excursões para ir à festa, indicando não só o grande deslocamento

que algumas pessoas podem percorrer mas o prestígio e conhecimento que o baile tem para atrair jovens de lugares distantes.



Figura 7. Compilação de capturas de tela da página do Facebook “Baile do DZ7 ‘Paraisópolis’”, indicando a apreciação ao baile e o deslocamento realizado pelos jovens. ELABORAÇÃO: Do autor

Outro aspecto observado tanto no Facebook, mas principalmente através do canal do Instagram é o fato desses canais serem uma ferramenta de organização e divulgação do baile. Um comportamento típico dos usuários é frequentemente perguntar se o baile vai acontecer no dia. A preocupação com a chegada da polícia para dispersão da festa ou até mesmo o tempo atmosférico não favorável são fatores que levam os frequentadores a se informarem antes de sair de casa, já que o esforço pode ser em vão, e como vimos, muitos saem de longe para ir ao baile. As atualizações no Instagram em tempo real através de fotos e vídeos do baile impulsionam quem quer que esteja interessado em ir, mostrando que o baile está acontecendo e está lotado, geralmente. Ou que a polícia chegou e o baile “moiou”.

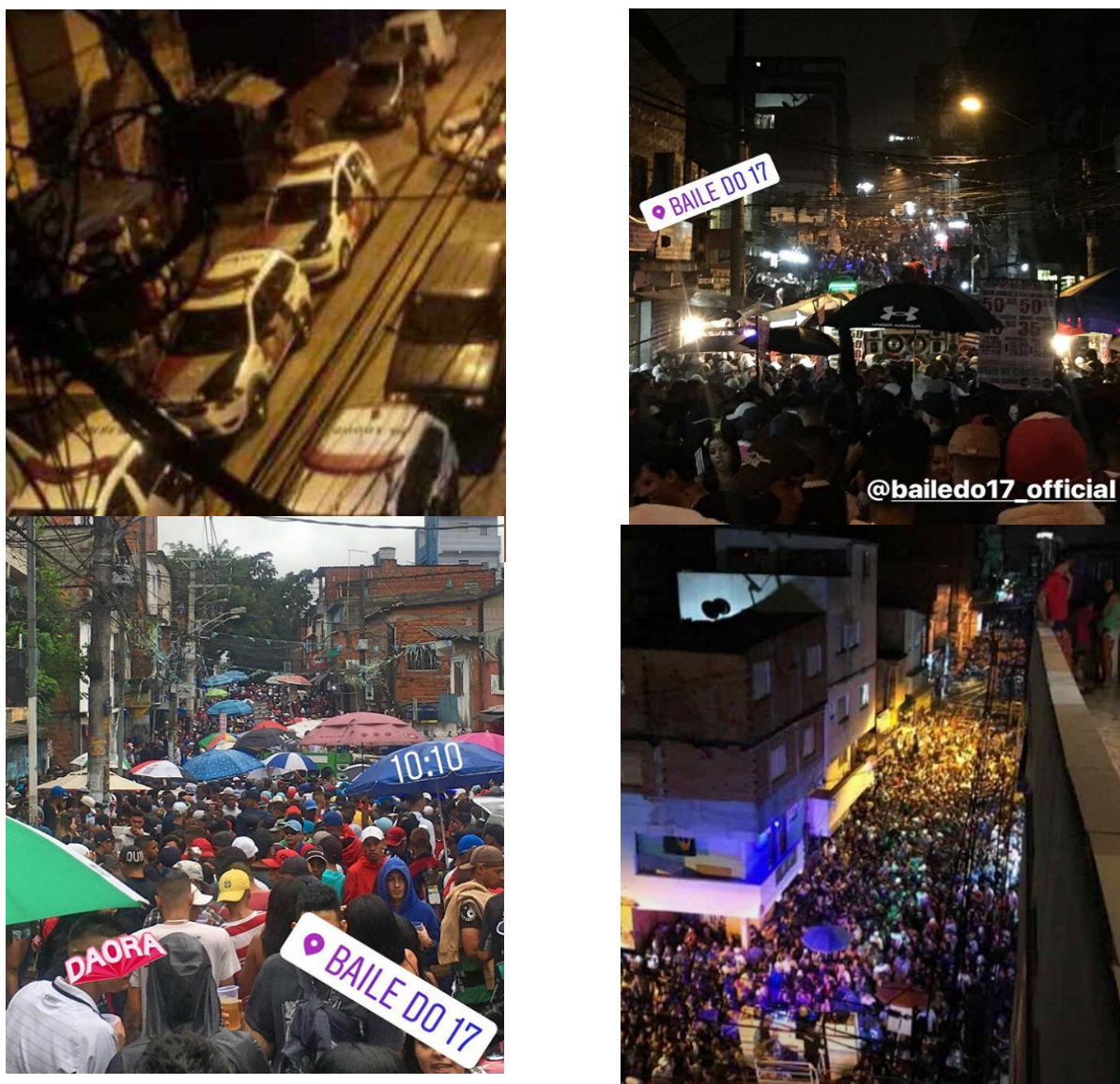


Figura 8. Compilação de capturas de telas do perfil de Instagram @bailedo17_official. ELABORAÇÃO: Do autor.

Em ambas as redes sociais há ainda forte presença do humor ou memes, piadas que se repetem entre os usuários de internet, gozando sobre sua condição de “funkeiro”, piadas sobre mulheres, bebidas e dinheiro. Vídeos de meninas rebolando também são constantes, indicando que os administradores das páginas são homens. No YouTube, o principal veículo das músicas de Funk que potencialmente tocarão nos bailes mostram o tamanho da popularidade do estilo em seus números. Os canais KondZilla, GR6 EXPLODE e Detona Funk somados chegam a aproximadamente 70 milhões de inscritos. KondZilla é o terceiro maior canal do mundo no YouTube e lançou o vídeo brasileiro mais visto no site, o videoclipe da música “Bum Bum Tam Tam” do MC Fioti, com mais de 1 bilhão de visualizações.

3.5 Músicas

Completando a série de dados para análise do Baile do DZ7, trazemos algumas músicas do Funk em que o baile do DZ7 é representado nas letras. Observaremos quais são os significantes, os valores atribuídos ao lugar, as principais temáticas e a estilística. A lista de músicas que segue foi inspirada em uma playlist disponível no site YouTube, de nome “As Melhores do Baile da DZ7 (Músicas do Fluxo de Rua)”, acessível pelo link <<https://www.youtube.com/watch?v=WZjpCx-QFHo>>. As músicas estão listadas na seguinte ordem: MC ou cantores, nome da música e DJ ou produtores. É importante notar que o nome das músicas costumam variar entre diferentes links, assim como é comum a mixagem de duas ou mais músicas na mesma faixa. As letras foram transpostas diretamente pelo autor, portanto algumas repetições foram simplificadas. Tem de se assumir que algumas palavras ou expressões podem ter sido equivocadamente transpostas, tanto devido à qualidade da gravação ou pelo simples desconhecimento do discurso ou gíria empregada, mas que não devem prejudicar a análise geral.

1. Mc Lan - Até de Manhã (Lan RW)

Pararam pan, pararam pan

Se a DZ7 não moiar tu vai mamar até de manhã

Pararam pan, pararam pan

Se a Marcone não moiar tu vai mamar até de manhã

Pararam pan, pararam pan

Se o Helipa não moiar tu vai mamar até de manhã

2. Mc Kitinho & 7Belo - No Baile da DZ7 (DJ Japah)

No baile da DZ7 tá lotado de novinha

Louca de maconha, de lança, doce e balinha

Lá tem maloqueira mas também tem patricinha

Aí a quadria se enlouquece

Ela fode ela transa ela sobe ela desce

Piranha pra caralho no baile da DZ7

Gostosa pra caralho no baile da DZ7

Se to com bala ela pede

Se to com lança ela pede

Quem são elas, quem são elas

As piranhas da DZ7

É tanta bocetinha que o japa até se perde

Onde que eu tô, onde que eu tô

(é nesse baile mesmo)

3. Mc Di Magrinho - DZ7 Onde O Coro Come (DJ LK)

Vai meter o Pelé na mãe

É hoje ela some

No baile da DZ7 é aonde o coro come

Metendo fuga dos homem

No baile da DZ7 é aonde o coro come

A água fica rosa da cor do meu iPhone

No baile da DZ7 é aonde o coro come

O coro come na DZ7

Nóis paga uísque e elas paga um boquete

Escondida ela faz tudo

Engole mama tudo e crava a xereca no cu

4. Mc Kevin - DZ7 (DJ R7)

É o baile da 17, chama o R7
Que eu já trouxe uma amiga
A tal da Beth, o Kevin conhece
Aquele gosta de chupar uma pica
Sei que na cama é uma vadia
E se inspira nas tuas amigas
É que elas gosta de, gosta de, gosta de senta na pica
Na pica, na pica, na pica a pretinha senta na pica
A ruivinha senta na pica a loirinha
Senta tu pode senta. Senta, senta, senta tu pode senta

5. Mc Charles - Comunidades (DJ Yuri MPC)

Atenção meninas, vai começar eim!
Não importa a região, não importa o lugar
O que importa é a putaria
No Berimbau, DZ7
Na Marcone, No Helipa
Pantanal, São Rafael
São Carlo, as mina pira
Ela senta na ponta da pica
Na ponta ela fica, ela fica

6. Mc Gold - Aqui na DZ7 - Na Bota (Ére DJ)

Se com a cunhada na bota o pai já dava trabalho
Nóis é os puto das puta
Imagina agora
Aqui na DZ7 é que ela se diverte
Tem XT, tem 66, aqui na DZ7
Vem xereca, vem xereca, vem xereca vem
Aqui na DZ7

7. Mc Hollywood & Lan - Fumaça que Sobe (DJ Tezinho)

Na sessão é só beck do verde
Pra poder tá trocando as ideias
Eu sei que tu é patricinha
E eu moro aqui na favela
Mas faz um tempão que eu to te observando
Vai pra DZ7 ficar bebendo e fumando
Vo bolar um baseado pra gente ficar relax
Fumaça que sabe, buceta que desce
Toma, toma, toma, toma sua cadela

8. Mc Bin Laden - A DZ7 Tá Humm (Ferrugem DJ)

Pra todos os fluxos, pra todos os bailes de favela
Só os vilão
A DZ7 tá hum
Ah que furduncinho
Ah que baile bom
É só moleque chefe e as mina doron dondon
A DZ7 tá hum
Chegou no final de semana tá geral se reunindo
Paraisópolis, é isso
Geral se encontrando, geral se trombando no baile da Zona Sul
A DZ7 tá hum

9. Os Cretinos e Mc WM - Estremece (DJ Will o Cria)

Estremece quando ela desce
Batendo a bunda no chão
No baile da DZ7 nós te dá catucadão
No baile da Marconi nós te dá catucadão
No baile do Helipa nós te dá catucadão

No baile do Pantanal nós te taca com pressão

10. Mc 2K - Baile da 17 Paraisópolis (Mano DJ)

Eu cheguei então tenha respeito

E daqui a pouco eu vou lá pra DZ7

As patricinhas do Morumbi tudo encosta, elas adoram, elas enlouquecem

Ela desce, ela sobe, ela pula, ela quica, na ponta da pica ela mete

Ela desce, ela sobe, ela pula, ela quica, na ponta da pica ela mete

Aqui na DZ7 o baile funk é o mundo

Aqui tem playboy misturado com vagabundo

Ela desce, ela sobe, ela pula, ela quica, na ponta da pica ela mete

11. Mc Lustosa - Soca Soca (DJ LK)

Famosinha da internet que no baile se revela

No outro dia o comentário que chega na favela

Que tava louca de lança embrasando com as colegas

E raspam a placa quando o DJ soltou essa

Soca, soca, soca, mete

Soca, soca, soca, mete

No baile da Marcone, no baile das casinha

Lá no Helipa e Na DZ7

Soca, soca, soca, mete

Soca, soca, soca, mete

12. Mc GW, Pikachu & Kalzin - Tchucas Da 17 (DJ Felipe)

Vamo novinha aqui da DZ7

Desce e sobe mexendo com a bunda

Senta tchuca, sobe tchuca

Vai essa buceta no meio da rua

Vai toma, vai toma sua gostosa

Vai toma, vai toma sua gostosa

O Kalzin que socou nela, ela gemendo, gemendo
Depois dessa noite vai sair com a xota ardendo

13. Mc Moikano - Entorpecente (DJ Alex BNH)

Louco de entorpecente querendo fumar maconha
Encostei na DZ7, mais de 10 piranhas
Então mama piranha, fode fumando maconha
Abocanha e me mama, fode fumando maconha
Fode fumando maconha
(Tô muito doidona)

14. Mc TH e Mc PR - Baile Da 17 (DJ DI)

Que pique é esse? Merece camisa 10, as novinhas do baile sentando dá aula
Ela vai com muita calma, ela vai com muita calma
As minas da DZ7 sentando dá aula
Ela vai com muita calma, ela vai com muita calma

15. Mc Caio, Yago & Alemão - Baile da 17 (DJ Igor MPC)

As barraquinhas tão montada, os carros tão encostando
To vendo partir pra lá várias minas, vários manos
No Face o assunto é esse, dá um visu na internet
Várias fotos com a legenda assim: Partiu DZ7
Partiu DZ7, partiu DZ7
Mas antes de eu partir vou falar com o DJ do baile
E aí meu truta, como é que tá a DZ7
Pode vir que tá suave
Várias minas gostosas aqui na comunidade
Pode vir que tá suave

16. Mix - É No Baile Da 17 e No Baile Do Jaqueline (DJ CAAIO DOOG)

Eu fui pro baile lá da DZ7
Eu trombei com uma safadinha que eu conheci pagando um boquete
Eu falei é hoje que tu chupa a minha
Abre a boca e chupa piranha filha da puta
E no baile da DZ7 o que que a gente vê?
Só as meninas rebolando até amanhecer
Só as meninas rebolando, rebolando, até amanhecer
Na mão esquerda a lata, e na direita a baga
E a brisa que tá na cuca te deixa excitada
Tem que gostar de bala, e acompanha água
Que é pra você não ficar desidratada
E no baile de quebrada o que que a gente vê?
Só as meninas rebolando até amanhecer
Chama as novinha que gosta de orgia
Que o DJ Igu manda a putaria
Depois que bafora um lança fica doidinha pra sentar na pica
Pico um verde orbital, deixo ela passando mal
Fica louca, louca, louca, louca pra sentar no pau
É no baile da DZ7 que eu vou sentar no pau
Desço, desço, desço, legal
Rebolo, eu quico, eu travo no pau
Vou tacar na net, eu vou tacar na net
A novinha do Jaqueline pagando boquete
A novinha lá do Helipa pagando boquete
A novinha lá da DZ7
Chamei um novinho pra 13 e ele ficou passando mal
Desço, desço, desço legal
Rebolo, eu quico, eu travo no pau

A escolha dessas músicas se deu principalmente por evocarem o Baile do DZ7 em suas letras, mas percebemos que em vários casos são citados outros bailes, como por exemplo a Marconi e o Helipa. De imediato notamos o caráter explícito das letras e o tratamento vulgar em relação às mulheres. O teor sexual é intenso e quase universal nesta amostragem, que

associam a prática ao Baile. O conteúdo escrachado é denominado de Funk Putaria e também é reproduzido nos bailes. Chama atenção a última música em que a parte final é cantada por uma MC mulher, enquanto todas as outras são cantadas por homens. A dança feminina é constantemente intercalada com o sexo, misturando-se os movimentos como se fossem da mesma natureza, como rebolar, sentar, quicar.

Outro conteúdo associado ao Baile é o consumo de drogas e bebidas. Maconha, lança-perfume e ecstasy, além do álcool, são as mais citadas e exaltadas nas letras, consumidos pelo eu-lírico ou oferecido às mulheres com fins sexuais. Há ainda a evocação da internet nas letras, fotos e vídeos sobre o que acontece no baile ou sobre meninas que frequentam e possuem popularidade na internet. O encontro de pessoas também constitui um conteúdo das letras mas constatamos que os assuntos são limitados e não diferem muito. A musicalidade das letras conta bastante, abusando de recursos como repetições e aliteraões, rimas fáceis e refrões simples.

Capítulo 4

Considerações Finais

Este trabalho buscou inclinar-se sobre um lugar, o Baile do DZ7. Neste trabalho, isto significou investigar o que seria a experiência do espaço sob uma perspectiva geográfica. Observamos que esse tema se relaciona com a geografia por ser uma atividade possível de ser localizada e estudada a partir da relação dialética com o meio, material e subjetiva. O enfoque sobre o subjetivo na Geografia comumente adentra nas vertentes culturais da disciplina, e reconhecemos este aspecto neste trabalho por meio das ressalvas históricas, antropológicas, sociais, necessárias para melhor compreensão. Do mesmo modo, dentro da própria disciplina abordagens distintas não são necessariamente excludentes, mas frequentemente complementares e o debate entre elas num mesmo trabalho abre uma via de diálogo. Os estudos sobre música possuem esta heterogeneidade de temas e metodologias das quais, a meu ver, dão um aporte positivo à ciência geográfica. A música, enquanto atividade humana, opera nas duas vias da interação com o meio, sejam a material e a subjetiva, por isso tem a capacidade de ordenação e valorização do espaço. Em outras palavras, ela é um modo de configurar lugares através de sua experiência.

O Funk, como gênero musical, esteve desde sua origem ligado a espaços bem definidos, não só como produtores destes espaços mas também enquanto produtos. Sua sonoridade e espacialidade estão essencialmente atreladas. Se a música for entendida também como linguagem, ela está sujeita ao diálogo com o mundo. O Funk que se escuta hoje remete-se a estilos de outras épocas, de outros lugares, em uma relação dialógica própria da linguagem e do discurso. Situando-se em São Paulo, podemos traçar uma linha hereditária geográfica da música que originou o Funk atual que remonta à Baixada Santista, que por sua vez remete-se ao Rio de Janeiro, este à Miami e Nova Iorque, estas duas à África, elencando diversos estilos, ritmos, gêneros e vertentes: no Funk o proibidão, a putaria, o charme. Nos gêneros de origem, o Hip-Hop e a Música Eletrônica, o Funk Americano, Soul e Blues. Esse movimento de escala global, dialeticamente, se realiza na escala local, àquela das pessoas que vivem a música. O Funk, principalmente pela população negra dos guetos urbanos com estilos diversos, a notar como subgêneros foram surgindo ao longo do tempo e do espaço brasileiro, bem como as temáticas próprias das realidades em que habitam seus produtores e ouvintes.

Vimos que, enquanto localidade, o Baile do DZ7 acontece no seio da comunidade de Paraisópolis, a segunda maior favela da cidade de São Paulo, uma das maiores densidades

demográficas do país. Isto é, ocorre em um contexto urbano cujas relações que configuram este espaço físico são inúmeras, também da escala local à global. O surgimento desta localidade está atrelada a processos globais de urbanização, industrialização e mecanização do trabalho ao mesmo tempo em que na escala local Paraisópolis está diretamente atrelada à formação do bairro de seu entorno, tanto em sua construção quanto na prestação de serviços e geração de renda. Mas o Baile do DZ7 não é Paraisópolis. O que há de peculiar neste lugar? Pudemos ver que este lugar é efêmero, possui uma temporalidade própria, uma atividade que o qualifica como tal. A música é essa atividade, a ação humana, o principal vetor que atribui um valor especial a esta localidade. Ela está acompanhada de outras práticas que dão significado a este lugar, que vimos não ser homogêneo e podem divergir radicalmente entre as pessoas.

O Funk atua em diversos espaços, para além do Baile, como nas escolas, festas, entre amigos e no espaço virtual da internet sobretudo, onde ele é compartilhado e reproduzido de modo rápido e instantâneo, o que deve explicar sua popularidade também entre pessoas, principalmente jovens, não-periféricas. Por isso enquanto conformador de identidades, de si e dos lugares, o Funk não é o único elemento a ser considerado. Os dados da pesquisa nos mostram que o próprio Baile do DZ7 possui outros atrativos além da música para reunir pessoas, como a diversão, a distração da vida, o sexo e uso de drogas. Os questionários em especial mostram que os valores atribuídos ao baile não são homogêneos e a música não é fator determinante para uma relação única de afeto: um exemplo claro é a manifestação de jovens que apreciam o Funk mas que não possuem intimidade com o Baile do DZ7, mesmo aqueles que moram em Paraisópolis, pois outras práticas são citadas que não conformam a identidade desses jovens. Muitos possuem ressalvas às letras das músicas, que julgam indecentes ou pejorativas, ao uso de drogas recorrentes no baile, à violência iminente desses locais e muito importante também a constatação do fluxo de pessoas de fora da comunidade como um fator negativo, que atrapalha a vida de quem mora lá. Este último elemento é bastante crucial para observarmos que a proximidade geográfica de um local não significa diretamente uma identidade com o fenômeno do lugar. O Baile do DZ7 possui uma dimensão muito significativa na cidade de São Paulo e Região Metropolitana, afeta diretamente dezenas de milhares de pessoas semanalmente. Enquanto jovens que vem de longe se divertem em um espaço dedicado à festa, à diversão, à sexualidade, à música e às drogas, outros que habitam aquele local não vêm nessas práticas elementos com os quais se identificam. Para muitos é um sinônimo de perturbação, de imoralidade e indecência. E para outros, fazem da ocasião e do

lugar uma forma de renda, na venda de bebidas, na venda de drogas, ou na veiculação de suas músicas, que impulsiona a carreira dos artistas.

Desta pesquisa ficam alguns ensinamentos em relação ao método de trabalho. A questão cultural na Geografia é bastante complexa e são inúmeras as abordagens possíveis, devendo o pesquisador decidir focar em algum aspecto específico ou buscar as frentes de diálogos para um entendimento mais amplo. Este segundo caminho, como vivencie, exige uma grande pesquisa nas demais áreas do conhecimento, bem como a busca de dados em veículos e bases não usuais, tornando o trabalho ideal bastante extenso, talvez não a aproximação ideal para um trabalho deste nível. Por outro lado, acredito ser o caminho do geógrafo que busca realmente o avanço de sua disciplina. Em relação ao estudo dos bailes funk especificamente, há de se pensar uma metodologia mais clara para o estudo do espaço cibernético na Geografia, em vista da dificuldade encontrada nesta pesquisa. O trabalho também poderia ser enriquecido com mais visitas a campo e entrevistas diretas com os frequentadores, produtores, moradores da comunidade, vendedores, dando mais consistência ao estudo por incluir mais visões a cerca do lugar e como elas se diferenciam. Certamente o fator cultural não se mostrará isolado de outras esferas de influência como a Economia, a Política, que refletem na configuração deste lugar.

Este último tópico representa o esforço deste trabalho e sua pretensão de contribuição não só para a Geografia mas para a compreensão do mundo. Devemos ter em mente que os lugares não são iguais, que os valores não são os mesmos e isto frequentemente é o gatilho para diversos conflitos na sociedade moderna se não buscamos entender a origem das diferenças. Até mesmo a música, uma atividade agregadora, capaz de unir seres humanos de diferentes origens, também pode segregar e discriminar grupos sociais. Se a música é uma experiência pura da vida, sua geografia será determinante.

Referências Bibliográficas

ALVES, Cristiano Nunes. **O circuito hip hop na região de Campinas desde “as antigas”:** dos bailes black à institucionalização do movimento (198... - 2005). Boletim Campineiro de Geografia, v. 2, n. 1, p. 137-159. Campinas: AGB-Campinas, 2012.

AQUINO, Mirian de Albuquerque, SILVA, Jobson Francisco. **A informação no funk:** construindo a identidade afrodescendente. Biblionline, v. 8, n. esp., p. 250-262. João Pessoa; Universidade Federal da Paraíba, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/view/14212/8121>>. Acessado em 29 de junho de 2017.

ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira de. **A presença de uma premissa categorial:** a espacialidade nos conceitos-chave do pensamento geográfico. Geoingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia, v. 5, n. 2, p. 3-26. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2013

BAILE de Favela. A Liga. São Paulo: Rede Bandeirantes, 02 de maio de 2016. Programa de televisão. Disponível em <<https://youtu.be/nMI72I5Fmks>>. Acessado em 29 de junho de 2017.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Tradução de João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, nº 19, p. 20-28, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.

CANOVA, Nicolas. **La musique au coeur de l'analyse géographique.** Paris: L'Harmattan, 2014.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** 1ª ed. São Paulo: FFLCH-USP, 2007. Disponível em <<http://www.fflch.usp.br/dg/gesp>>. Acessado em 29 de Junho de 2017.

CASTILHO, Juliana Vargas de. **A favelização do espaço urbano em São Paulo.** Estudo de caso: Heliópolis e Paraisópolis. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, 2013.

CLAVAL, Paul. **O papel da Nova Geografia Cultural na compreensão da ação humana**. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.): **Matrizes da Geografia Cultural**, p. 35 – 86, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001

COSTA, Nelson Barros da. **Música Popular, Linguagem e Sociedade** (Analisando o Discurso Literomusical Brasileiro). 1ª ed. Curitiba: Appris, 2011.

CROZAT, Dominique. **Jogos e ambiguidades da construção musical das identidades espaciais**. Tradução de Daiane Seno Alves, In: DOZENA, Alessandro (Org.): **Geografia e Música: Diálogos**, 1ª ed., Natal: EDUFRN, 2016.

DI MÉO, Guy (Dir.). **La géographie en fêtes**. Géophrys (Gap), Paris: Ophrys, 2001.

DUNCAN, James; DUNCAN, Nancy. **Reconceitualizando a ideia de cultura em Geografia: uma resposta a Don Mitchell**. Espaço e Cultura, UERJ, Rio de Janeiro, edição comemorativa, p. 111 – 115, 1993 – 2008.

DUPONT, Louis. **Terrain, réflexivité et auto-ethnogéographie en géographie**. Géographie et Cultures, ed. 89-90, p. 93-109, Paris: L'Harmattan, 2014. Disponível em <<http://gc.revues.org/3235>>. Acessado em 20 de dezembro de 2016.

EAGLETON, Terry. **A Ideia de Cultura**. Tradução de Sofia Rodrigues, 1ª ed., Lisboa: Temas e Debates, 2003. (Coleção Memórias do Mundo)

FUNK Ostentação: O Filme. Direção: Konrad Dantas e Renato Barreiros. KondZilla e 3K Produtora, 2012 (36 min). Disponível em <<https://vimeo.com/53679071>>. Acessado em 29 de junho de 2017.

GOHN, Maria da Glória. **Morumbi: o contraditório bairro-região de São Paulo**. Cad. CRH, Salvador, v. 23, n. 59, p. 267-281, Ago. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792010000200005&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 22 Junho de 2017.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Que espaço pode haver para uma Geografia Cultural?** Elementos para uma reflexão sobre a relação entre o cultural e o geográfico. In: LEMOS, Amalia Inés Geraiges de; GALVANI, Emerson (Orgs.): **Geografia, tradições e perspectivas: interdisciplinaridade, meio ambiente e representações**, 1ª ed., p. 69-79, Buenos Aires: CLACSO; São Paulo: Expressão Popular, 2009.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Demográfico 2010. Aglomerados subnormais. Primeiros resultados**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em < www.ibge.gov.br >

KONG, Lily. **Popular music in geographical analyses**. Progress In Human Geography, vol. 19(2), 1995. p. 183-198. Disponível em <http://ink.library.smu.edu.sg/soass_research/1740>. Acessado em 28 de Junho de 2017.

_____. **Popular music in a transnational world: the construction of local identities in Singapore**. Asia Pacific Viewpoint, vol. 38, n. 1, Apr. 2007. p. 19-36. Disponível em <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-8373.00026/pdf>>. Acessado em 28 de Junho de 2017.

KUX, Hermann Johann Heinrich; NOVACK Tessio; FONSECA, Leila Maria Garcia. **Mapeamento de favelas usando classificação orientada a objeto – estudo de caso em Paraisópolis, São Paulo (SP)**. Anais: XIV Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, p. 715-721, INPE, Natal, 25-30 Abril de 2009.

OLIVEIRA, Herbert Lopes de. **As atuações do Estado, da Sociedade Civil e do Terceiro Setor na dinâmica sócioespacial da favela de Paraisópolis, em São Paulo**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. Campinas, 2006.

MITCHELL, Don. **Não existe aquilo que chamamos de cultura: para uma reconceitualização da ideia de cultura em Geografia**. Espaço e Cultura, UERJ, Rio de Janeiro, edição comemorativa, p. 81 – 101, 1993 – 2008.

MORAES, Antonio Carlos Robert de. **Ideologias Geográficas**. Espaço, Cultura e Política no Brasil. 5ª ed., São Paulo: Annablume, 2005.

NO Fluxo. Direção: Renato Barreiros. JAB Produtora, 2015 (16 min). Disponível em <<https://vimeo.com/113866627>>. Acessado em 29 de junho de 2017.

PANITZ, Lucas Manassi. **Por uma geografia da música:** um panorama mundial e vinte anos de pesquisas no Brasil. Para Onde!?, Porto Alegre, vol. 6, n. 2, p. 1-10, Jul. a Dez. 2012, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PAULO, Paula Paiva. O Mundo Funk Paulista. Portal G1, Globo. São Paulo, 2015. Disponível em: < <http://especiais.g1.globo.com/sao-paulo/o-mundo-funk-paulista/index.html> >. Acessado em 29 de junho de 2017.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **A maior zoeira:** experiências juvenis na cidade de São Paulo. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

PIZARRO, Eduardo Pimentel. **Interstícios e interfaces urbanos como oportunidades latentes:** o caso da Favela de Paraisópolis, São Paulo. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

RELPH, Edward. **Place and placelessness.** London: Pion, 1976.

ROCHA, Camilo. Popular e perseguido, funk se transformou no som que faz o Brasil dançar. Nexo Jornal, 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2017/10/22/Popular-e-perseguido-funk-se-transformou-no-som-que-faz-o-Brasil-dançar>>. Acessado em 21 de Novembro de 2018

SILVA, Jônatas Januário. **Favelas e Favelização em São Paulo:** o caso de Paraisópolis. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2016

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. 1ª ed., São Paulo: DIFEL, 1983.

VALVERDE, Rodrigo Ramos Hospodar Felipe. **Corporeidade e multiterritorialidade na Geografia Cultural:** além da dominação, da resistência e da tradição. Revista do Departamento de Geografia – USP, volume especial 30 anos, p. 4-25, 2012.

VIANNA, Hermano Paes. **O Baile Funk Carioca:** Festas e Estilos de Vida Metropolitanos. Dissertação de Mestrado dirigida por Gilberto Velho. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987.